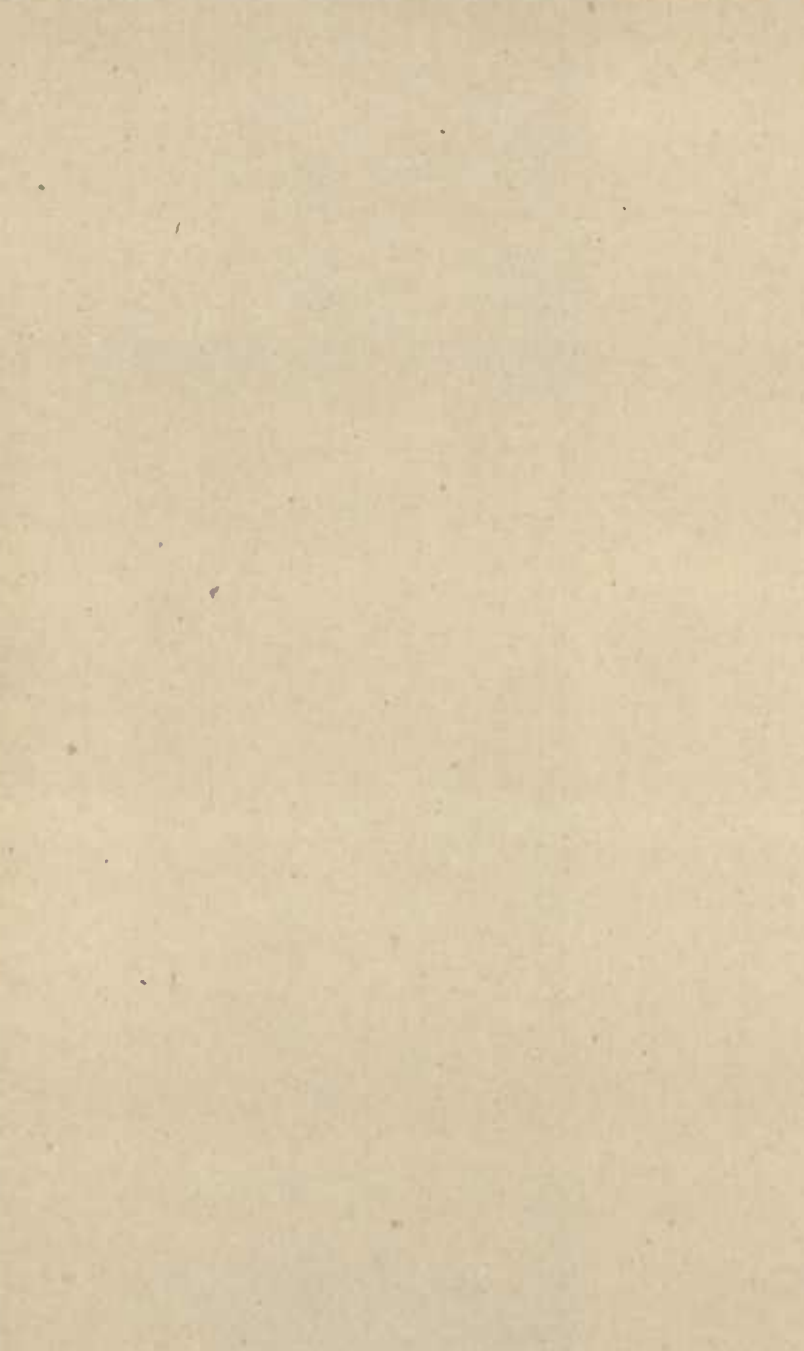


8







Recd.

74078

cas. of the Am. J. C.  
of the Am. J. C.  
of the Am. J. C.

# A GUERRA

DO MESMO AUTOR

---

Problema agrícola, crédito e imposto, 1 vol. . . . .	\$60
Estudos históricos e económicos, 1 vol. . . . .	\$60
Introdução ao problema do trabalho nacional, 1 vol.	\$40
Carestia da vida nos campos, 1 vol. . . . .	\$80
Do Ultimatum ao 31 de Janeiro; esboço de história política, 1 vol. . . . .	\$80
O Livro de Job, 1 vol. . . . .	\$50
Prometheu agrilhado, 1 vol. . . . .	\$80

*No prélo :*

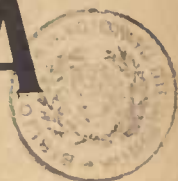
Figuras, portuguesas.  
Agricultura e tributo.

*le. S.  
14018*

BAZILIO TELLES

**OFERTA**

# A GUERRA



(NOTAS E DÚVIDAS)



*121-17-1000 de 1914*

PORTO  
LIVRARIA CHARDRON,  
DE LÉLO & IRMÃO, EDITORES  
RUA DAS CARMELITAS, 144

1914



---

PORTO—IMPRESA MODERNA



## A GUERRA

---

É provavel que a maior parte dos leitores d'este opúsculo não façam, agora ainda, uma ideia bastante limpida, embora apenas geral, do território francez invadido pelos exércitos allemães, nem, portanto, d'aquella zona do Norte, como do noroeste da Belgica, onde os belligerantes estão concentrando o máximo dos seus esforços. Fornecer-lhes algumas notas menos dispensaveis á representação clara, no seu espirito, do principal theatro onde téem decorrido, e véem decorrendo os successos militares — eis um dos fins que nos propozemos, escrevendo-o.

Provavelmente tambem notariam, logo desde as primeiras semanas d'agosto, que as notícias de que se fazia echo a nossa imprensa eram confusas, incompletas, contradictórias, absur-

das ás vezes, além de evidentemente parciaes, e por ella admittidas e publicadas a esmo, sem discernimento crítico nem, ao menos, esclarecimentos necessários. Examinar rapidamente a credibilidade que merecem, prevenindo-os d'este modo contra novos descuidos, novos equívocos, ou novas mystificações dos correspondentes, com certeza involuntárias, como a da famosa batalha naval do mar do Norte: tal o nosso segundo objectivo.

Não deixariam igualmente de reparar em que vários chronistas portuguezes da campanha, apezar de ella ter irrompido pouco antes, entraram a fallar em effectivos, material de guerra, artilheria sobretudo, e movimentos estratégicos das tropas, como se por visão directa, ou de fonte segura, tivessem colhido e apreciado essas informações preciosas para a critica séria das operações militares annunciadas. Contrapôr algumas leves dúvidas ás affirmativas lançadas, a esse propósito, a público por alguns d'elles com aprumo imperturbavel: foi o nosso terceiro scopo ao deliberarmos metter em seara alheia, conforme é uso dizer-se, a nossa foice.

Não lhes passou, por último, despercebida a singular despreoccupação dos chronistas de quem fallamos, tanto pelo número de perdas soffridas pelos exércitos belligerantes, como pelos accidentes não apenas geraes (a que, de resto, mal se referiam), mas especiaes do ter-

reno em que os dous adversários se téem movido e se movem n'este finalizar do mez d'outubro. Lembrar que o conhecimento d'aquellas baixas e d'estes incidentes não pode ser dispensado para s'escrever sobre o assumpto com alguma consciência: eis o nosso quarto objectivo. Outros ainda visamos, incidentalmente, que da leitura d'este pequeno trabalho será facil colligir.

Não se tracta n'elle, pois, nem d'uma narrativa; para a qual nos faltariam materiaes, nem d'uma apreciação da campanha, para que nos falta competência. Tracta-se apenas d'algumas noções geográficas imprescindiveis aos leigos, como nós, que pretendam seguir o decorrer das operações militares, tendo uma carta commum á sua vista, por não ser crível que disponham d'uma carta especial. E tracta-se d'algumas observações elementares de critica não menos indispensaveis a todos quantos não gostam de ir a reboque de phantasias de correspondentes e de apologias de sectários. Abstrahimos das predilecções de quem nos lêr como abstrahimos das nossas. O nosso intuito exclusivo é habilitar, quanto possível, um profano como nós a seguir com imparcialidade as occorrências, e a formar-se uma opinião sua, independente da que o jornal e o chronista proclamam, sobre o desfecho provavel que o actual conflicto das Potências terá. E dadas estas explicações, para a hypóthese de se lembrar alguém de nos de-

turpar o pensamento, podemos entrar immediata e despreoccupadamente na matéria, como é do velho estylo dizer-se.

Seguindo a ordem tracejada nas breves linhas que precedem, illudemos que a descripção rápida que segue não é propriamente geográfica, mas uma descripção do território leste e norte da França no ponto de vista militar, limitando-se pois aos dados precisos para se comprehender de que modo está disposta, ou melhor, preparada intencionalmente para sustar uma invasão. Os seus montes, rios, etc., constam de qualquer das cartas usuaes. O que não consta sempre d'ellas é a indicação das obras destinadas a reforçar esses e outros obstáculos ao inimigo que o invada, isto é, a do que se chama as *linhas de defeza*, e que são duas n'esse tracto do território. D'estas sómente, pois, nos occuparemos.

Primeira linha de defeza. Tem a direcção geral de S. E. a N. O., desde Belfort a Lille (excluída a costa do Norte, desde Dunkerque a Boulogne). A sua extensão em linha recta deve ser approximadamente de 90 lg. de 5 km., e de 470 km. contando com as inflexões. Consta de

tres *frontes* principaes: a do Mosella, a do Mosa e a do Norte ou belga.

A primeira apoia-se á direita em Belfort, á esquerda em Épinal, ligados entre si, aquella praça forte e este campo entrincheirado, por uma série de fortes denominados *d'arrêt* (fortes-barreiras) ao longo do curso superior do Mosella.

Belfort, que resistiu ao cêrco dos Allemães até ao fim da guerra de 70, devendo-se a esta circumstância, parece, o ter ficado na posse dos Francezes, passa por inexpugnável. Domina a depressão, passagem, soleira (*trouée*, como lhe chamam em França) entre o Jura e os Vosgos, sendo por isso o primeiro obstáculo sério que o invasor desembocando da Alta-Alsácia encontraria.

Épinal, com a sua cintura de fortes, constitue um verdadeiro campo entrincheirado, de conquista muito difficultosa tambem, ao que parece.

A extensão total d'esta *fronte* do Mosella deve regular por 90 km. e por uns 100 attendendo ás inflexões da linha defensiva entre as praças dos extremos.

A segunda apoia-se á direita em Toul, á esquerda em Verdun, praças de guerra egualmente ligadas entre si por uma linha de fortes, como na *fronte* do Mosella.

Toul, na margem direita do Mosa, com a

---

---

sua cintura de fortes e a praça de Nancy na frente a uns 20 km., passa também por inexpugnável.

Verdun representa, segundo os técnicos, um poder defensivo comparável ao de Toul, senão até superior, graças à dupla linha de fortes que a protegem do lado leste, e ao curso do Mosa, que desempenha o papel d'um vasto fosso. Do lado occidental defende-a apenas uma só linha de fortes, de certo por ser menos vulnerável por aqui.

A extensão total d'esta *fronte* do Mosa não differê consideravelmente da que foi indicada para o Mosella.

Entre Épinal e Toul, abre-se a larga *trouée* da Lorena, d'uns 40 a 50 km., mais accessível pois que a de Belfort, cuja largura será metade d'esta, mais ou menos. É por essa razão, de certo, que o seu accesso por leste é defendido pela praça de Lunéville, sobre o Vezouse e perto da sua confluência com o Meurthe a S. E. de Nancy uns 24 km., e pela de Neufchâteau na margem direita do Mosa, a uns 40 km. a S. O. de Toul.

A terceira apoia-se á direita em Maubeuge sobre o Sambre, á esquerda em Lille, protegidas ambas por uma cintura de fortes. Valenciennes e Condé, no intervallo, são as principaes fortificações do chamado *quadrilátero central* d'esta parte da fronteira.



A extensão total d'esta *fronte* do Norte é pouco inferior á das *frontes* do Mosella e do Mosa.

Entre Verdun e Maubeuge, n'uma extensão approximada de 150 km., não s'encontram mais que as praças de Mézières e Rocroi, distanciadas entre si de cêrca de 30 km., deixando pois ficar ao S. a *trouée* ou depressão das Ardennas, d'uns 70 km. de largura, e ao N. a do Oise, que terá a largura de 50.

Esta é, comtudo, protegida pela praça forte de Givet no ângulo que a fronteira faz para o N., e pelo forte de Hirson, uns 30 km. a O. de Rocroi, como Givet ficará a cêrca d'uns 40 d'esta praça na direcção do N. E.

A *trouée* das Ardennas é defendida, na direcção de L., d'uma invasão inimiga que venha do Luxemburgo pelos fortes de Longwy sobre a fronteira d'este pequeno Estado neutro, e de Montmédy, 25 a 30 km. ao occidente de Longwy: mas é-o principalmente por obstáculos naturaes, desde os pântanos das Ardennas até aos relêvos arborisados da serra da Argonne.

De maneira que, em geral, a parte sólida de toda a primeira linha de defeza, constituíndo igualmente uma baze para uma enérgica offensiva, é a que s'estende de Belfort até Verdun; a parte fraca, a que medeia entre esta praça e a de Lille, ou seja a fronteira de nordeste, aquella precisamente que os Allemães preferiram para a invasão.

A segunda linha de defeza offerece tambem a direcção geral S. E. a N. O., desde Langres até Péronne. A sua extensão em linha recta deve regular por 300 km., ou 60 léguas, mais ou menos. Não possui, em rigor, senão uma *fronte*, a de Vailly-Laon-La Fère, formando uma curva de concavidade para O., a cêrca da média distância entre a *fronte* do Norte e Paris, a uns 100 km. pois do recinto da capital, na direcção de N. E. As tres praças estão ligadas entre si por vários fortes; e a *fronte* assim constituída, com a sua direita sobre o Aisne e a sua esquerda sobre o Oise, que vão confluír algumas léguas para O. em Compiègne, tem por objectivo principal reforçar a *trouée* com o nome d'este rio, uma das zonas fracas, como se disse, da fronteira franco-belga.

Péronne, sobre o rio Somme, a uns 50 km. a N. O. de La Fère, ala extrema da segunda linha de defeza, parece que é praça destinada sobretudo a augmentar a solidez da *fronte* descripta, oppondo-se á *trouée* ou depressão do Oise.

Reims, praça forte com uma cintura entrincheirada, tambem a uns 50 km. a S. E. de Laon, além de reforçar á direita a *fronte* La Fère-Laon-Vailly, tem por fim levantar um novo obstáculo ao inimigo que, depois de se apoderar das posições de Longwy e Montmédy na fronteira dos Luxemburgos, tivesse conse-



guido penetrar entre Verdun e Mézières, vencendo os obstáculos naturaes de que se fallou a propósito da primeira linha de defeza.

Entre Reims e Langres, uns 180 km. em linha recta, não existe, parece, nenhuma obra defensiva, mas sómente a barreira natural do alto Marne, desde Langres até Chalons (uns 130 km.) em arco de círculo de concavidade para O. Para o inimigo que penetrasse pela *trouée* da Lorena (entre Épinal e Toul), tendo forçado Luneville e Neufchateau, só haveria essa barreira do Marne e, a uns 110 km. para o occidente d'este rio, alguns fortes construídos nas «*Alturas de la Brie*» a ter em conta no caso de se propôr avançar sobre Paris. Parece que não chegaram a completar-se n'estas «*Alturas*», distantes cêrca de 70 km. da cidade para Leste, as obras defensivas que o Estado Maior francez delineara, e que pela parte média do curso do Marne, nas alturas d'Épernay, se ligariam a Reims na região septentrional da segunda linha de defeza.

O auctor francez da geographia militar de que estamos extrahindo estas notas resumidas faz observar, a este respeito, que o campo entrincheirado de Langres, embora pudesse tomar de flanco uma invasão pela passagem da Lorena, não era sufficiente para assegurar por este lado a defeza de Paris. Instava pois por que se concluísse depressa esses trabalhos; «*car*

*il y lá une grande lacune dans nos moyens défensifs». <sup>1</sup>*

Escusado seria illucidar que a fronteira politica de Leste, exceptuando o extremo sul, se affasta consideravelmente da fronteira militar formada pelas duas *frontes* Belfort-Épinal e Toul-Verdun. Apenas Nancy, espécie de guarda-avançada de Toul, e Luneville, sentinella da *trouée* ou passagem da Lorena, se approximam d'ella, pouco mais ou menos 4 léguas. D'onde resulta que a zona intermédia é relativamente facil d'invadir, apezar da barreira natural do Meurthe, de S. Dié a Nancy, correndo parallelamente á linha de defeza, e das praças de Longwy e Montmédy fechando ao Norte, na fronteira dos Luxemburgos, a larga zona das «*Costas Lorenas*» e «*Planicie de Voëvre*» entre o Mosa e o Mosella. Mas é claro que muito mais facil é de ser occupada a tempo e horas por exercitos francezes, apoiados na rectaguarda pelas *frontes* já descriptas, e protegidos na vanguarda pelo curso do Mosella ao Norte, e do Meurthe ao Sul, comquanto as praças fortes allemãs de Metz e Thionville (perdidas pelos Francezes, em 70) na margem esquerda do primeiro d'estes rios o tornem uma barreira d'efficácia duvidosa. A impressão que o exame da fronteira d'este lado produz, ao menos n'um profano, alheio de todo a estratégias e a engenharia militar, é que a sua segurança de-

pende quasi só da *fronte* Toul-Verdun; e que uma vez forçada esta (a umas 36 leg., em média, de Paris), a segurança da capital enfraqueceria. No entanto, é possível que esta impressão não passe de phantasia d'um leigo, sobretudo se, como é provavel de resto, entre a citada *fronte* e as «*Alturas de la Brie*» ha obras defensivas a reforçar os obstáculos naturaes.

Haja ou não haja, o positivo é que nem as passagens de Belfort e da Lorena serviram até agora aos Allemães, nem as duas *frontes* foram investidas com éxito por elles, e muito menos forçadas n'algum ponto mais vulneravel, até á data das últimas noticias;<sup>2</sup> e o facto parece demonstrar que a resistência da França por este lado é difficilima de vencer.

Assim o tivesse sido pela fronteira de Nordeste. Viu-se já que era fraca; e o curioso é que o era mesmo, segundo a um profano se affigura, nas próprias regiões fortificadas. Nem os massigos florestaes das Ardennas com as alturas arborisadas da Argonne, além dos terrenos apañlados, como obstáculos naturaes, nem o «quadrilátero central» de que falla o nosso auctor, com as grandes praças fortes de Lille e de Maubeuge, sobre que se apoiava o exército alliado na primeira grande batalha de Mons e Charleroi, puderam obstar á invasão. Embora n'alguns telegrammas se affirmasse, a propósito da segunda grande batalha sobre o

Marne, que Maubeuge e Laon continuavam na posse dos Francezes, e se tivesse feito até esse consideravel recontro estranho silêncio acêrca do destino d'essas e d'outras praças fortes d'este lado da fronteira, viu-se pelas notas publicadas pela legação britânica em Lisboa, talvez demasiado breves mas certamente fidedignas, que a primeira e a segunda linhas de defeza, de Givet a Lille e de Reims a Péronne, tinham passado ao poder dos invasores. Isto, de resto, é o que tinham presumido todos os homens de bom senso, e não de todo ignorantes, a quem predilecções ou antipathias não perturbam o juízo, desde que telegrammas não desmentidos por ninguem tinham successivamente annunciado a progressão do inimigo ao longo do rio Oise, de S. Quentin a Compiègne, e não era crível deixar na sua rectaguarda e nos flancos tantas praças e posições fortificadas.

Viu-se até, por notícias ulteriores emanadas dos que tinham maior interesse no assumpto, isto é dos Alliados, que a invasão chegara até Amiens, ao Noroeste, e ao Sudeste, até Vitry-le-François, pelo menos pois a uns 30 km. de Chalons no mesmo rumo, desde que ellas expressamente annunciavam uma investida victoriosa contra estes pontos extremos occupados por Allemães. E vê-se agora de novo confirmado o que dizemos pelas que vêem chegando acêrca d'outra grande batalha em perspectiva

---

ao longo do rio Aisne, affluente do Oise, embora se não saiba ainda como os exércitos beligerantes estão dispostos. E se essa linha do Aisne, desde a sua origem no extremo sul da Argonne, só deixa para o sul o campo entrincheirado de Reims, é claro que todas as fortificações francezas ao norte d'ella, exceptuando apenas a costa, de Boulogne até Dunkerque, não podem deixar de ter cahido no poder dos invasores, ou d'estarem bloqueadas por elles. Por isso bem dizia o nosso auctor que a fronteira de Nordeste era fraca.

Seria por esta razão que os Allemães a preferiram?

Não é facil resolver esta questão. Em rigor, só elles mesmos é que sabem as razões da preferênciã: visto como, segundo os próprios Francezes reconhecem, a passagem (*trouée*) das Ardenas pouca resistênciã offerçia a uma invasão vinda pela «*Planicie de Voëvre*» (sem violação, portanto, do Luxemburgo e da Bélgica), e teria de contar do mesmo modo, para ameaçar Paris, com a segunda linha de defeza entre Reims e Péronne na sua frente, e com o norte da primeira linha no seu flanco. O argumento, que já vimos invocado, de ser a passagem (*trouée*) do Oise o ponto da fronteira nordeste o mais approximado de Paris não se

affigura, pelo menos aos simples curiosos n'esta matéria, sustentavel. Essa resistênciã, a que faz frente a posição fortificada de Hirson, é a mais próxima da capital sem dúbida alguma; mas a que distância não está ella de Liège, por onde o grosso do exército inimigo penetrrou? Allega-se que os Allemães não esperavam encontrar nos Belgas resistênciã. Mas que raciocínio ou facto auctorisam a attribuir-lhes a inverosimil esperança? Se tanto elles como os Francezes, ao que temos lido sobre o assumpto, por mais d'uma vez instaram com o governo de Bruxellas para tornar effectiva a neutralidade do seu paiz, construindo praças fortes e augmentando o seu exército, como é que podiam ignorar o valor das resistências que deante de si encontrariam? Que s'esforçassem por conseguir d'elle passagem livre ás suas tropas, desde que não era provavel que o trouxessem ao seu partido, é de suppôr. O que não é, porém, acreditavel é que não estivessem prevenidos contra uma recusa ao pedido de atravessarem o paiz, e por consequência preparados com os recursos militares precisos para superar a resistênciã prevista.

Dizem ainda vários homens sabedores que esta fôra avaliada muito baixo, por consequente com grande erro, quer se tracte do exército a combater quer das fortificações a desmantelar. O factor moral. valor das tropas, não é impos-



sível que tivesse sido mal apreciado, pelo motivo singelo de ser factor imprevisível até para a mais genial cabeça militar, a d'um Napoleão por exemplo. O factor material, valor de fortalezas, material de guerra, etc., e até o factor técnico, como seja a instrucção e capacidade profissionaes d'officiaes e de soldados, — esses podem ser quasi sempre muito exactamente calculados d'antemão, ou por observação directa ou por informes reservados. E quando o não fossem, como um ou outro ponto mais delicado d'organisação, de plano estratégico, e de material algumas vezes, bastaria o aperfeiçoamento máximo que um povo culto, e systematicamente educado para a guerra, deve ter imprimido a tudo quanto se relacione com este objectivo absorvente para tornar inverosimil a hipóthese d'uma verdadeira surpresa deante de reaes ou suppostas superioridades do inimigo. Pode alguém com senso imaginar que os Allemães, admittindo que não estavam bem informados sobre o valor defensivo de Liège, por ex., e das tão falladas cúpulas blindadas dos seus fortes, não pudessem perfeitamente, e com antecedência, apreciar-o em sua casa construindo essas e outras obras de protecção e defeza, com resistência egual ou superior, e ensaiando sobr'ellas o alcance e a energia destruidora e perfurante da sua melhor artilharia? <sup>3</sup>

O Allemão, em guerra como em tudo, po-

derá peccar por audácia e excesso de minúcia; por imprevidente e leviano é que não pecca. À parte a minúcia, é tal qual o Inglez. Tomar conjecturas por factos, e palavras por ideias, é defeito de Latinos.

Se pois nem a distância, por exceder muito a que separa Paris do Luxemburgo e da Lorena allemã, nem a expectativa d'uma resistência nulla ou insignificante explicam a invasão pelo valle do Mosa, é de crêr que houvesse, além de razões militares, razões politicas para os Allemães a preferirem. Não é preciso ser estadista nem diplomata para se presumir, com tal qual aproximação, quaes sejam estas. Aquellas é que se torna menos facil comprehender. Se o objectivo do exercito allemão que entrou pela Bélgica era Paris, como parece, e se a resistência que a brutalidade provocou estava prevista, como se nos affigura incontestavel, qualquer profano diria, com effeito, que melhor seria para a realisação d'aquelle objectivo a invasão pela passagem das Ardenas. Ficou já observado que a resistência da segunda linha, desde Reims a La Fère, tinha de ser affrontada em qualquer das duas hypótheses, como tinham de ser igualmente dominados os fortes da fronteira, desde Longwy a Hirson e a Givet; mas poupar-se-hia talvez a investida contra a região fortemente defendida entre Maubeuge e Lille, e obviamente evitado



a que teve de ser feita contra Liège, Huy e Namur, e a ulterior invasão de toda a Bélgica. A única objecção que se poderia levantar, ao menos conforme julgam profanos, contra a hypóthese suggerida é que a zona do território francez entre Verdun e a fronteira (uns 50 km. ao norte da praça) não era baze sufficiente para as proporções do emprehendimento e para a distância até Paris (200 km., pelo menos), sendo indispensavel, por isso, alargal-a pela redução completa de toda a *fronte* Toul-Verdun. E os leigos naturalmete respondiam: «Porque não? As forças empregadas, e sacrificadas, contra a Bélgica não chegariam para essa redução preliminar, e para cobrir as perdas que os invasores experimentassem na investida?» Suppouhamos, porém, que não chegavam. A conclusão a tirar seria então que esta *fronte* é inexpugnavel, ou no emtanto, que excede muito em resistência a dos fortes belgas do Mosa e a da *fronte* franceza do Norte, desde Maubeuge até Lille, que o inimigo debellou com relativa facilidade. Se, porém, é inexpugnavel aquella *fronte* Toul-Verdun, e a distância d'esta praça á fronteira andarâ por umas dez lèguas, ainda os leigos em assumptos militares não percebem porque, apoiado n'essa posição irreductivel, um exército francez não interceptou por este lado, até hoje, as communições do allemão que operava sobre o Marne, e agora no

Aisne a custo, na phrase de vários criticos, se mantem na defensiva. Com a retirada cortada entre Verdun e Montmédy, e com os Belgas hostis na rectaguarda e nos flancos, se Antuérpia e outras praças fortes da Flandres foram já evacuadas como alguns telegrammas insinuam, o exército allemão, invasor da França, poderia bem dizer-se aniquilado, e com certeza seriamente compromettido. É esta realmente a situação? A dúvida é permittida a este respeito, como a respeito da situação real dos Francezes tanto na *fronte* Toul-Verdun como na larga faxa Lorena que lhes ficou pelo tratado de Francfort, comprehendida entre o Mosa e o Mosella, e que dissemos denominar-se «*Costas lorenas*» a oeste e «*Planicie de Voëvre*» na sua parte oriental.

As notícias publicadas dão, quasi desde o principio da guerra, como estacionária ou muito levemente modificada a situação dos belligerantes em toda esta região fronteiriça da Lorena, exactamente como na fronteira alsaciana; e a não ser a que dava Amiens como recuperada pelos Francezes, nenhum esclarecimento dão ha muito sobre o que passou ou vem passando em todo o Norte, desde o Sambre e o Somme até ao mar. Desde que os Allemães foram repellidos da linha do Marne e s'entrencheiraram na do Aisne, as offensivas dos Alliados têm sido mais vigorosamente dirigi-

das contra elles na região comprehendida entre este rio e o Oise, na intenção provavel de desalojar a direita inimiga da *fronte* Vailly-Laon-La Fère, e ao longo d'esta última ribeira. D'este facto parece que se devia deprehender que pelo menos o baixo Somme, de Péronne até Amiens, está na posse dos Francezes;<sup>4</sup> d'outro modo a sua offensiva ao longo do Oise podia ser ameaçada por forças allemãs operando na região a que alludimos. Mas o alto Somme e a zona septentrional até Lille<sup>5</sup> estão decerto occupados pelo inimigo, attendendo a que a sua retirada não parece estar compromettida em qualquer ponto d'este lado da fronteira. Será esta a situação exacta dos invasores e dos invadidos no Norte? Impossivel responder. De maneira que na lueta gigantesca que ha mais de mez e meio vem travada muito poucos dados positivos chegaram até este recanto da Europa não só para se fazer quaesquer previsões sobre o desfecho, mas para sequer apreciar com justeza a importância dos recontros já effectuados, e particularmente da força relativa dos exércitos em operações, como dos recursos offensivos e defensivos postos em acção pelos dous Partidos. O que, d'um modo geral, se tem podido verificar desde o princípio da campanha é que, seja qual fôr a resistênciã das fortificações á moderna, como Liège ou Maubeuge, é possivel quebrantal-a quando o exér-

cito aggressor disponha do material susceptivel, pela quantidade ou a qualidade, de annullar o material e as obras defensivas, e d'effectivos bastante elevados para cousagrar à operação todo o tempo necessário, sem risco pois de que um exercito surja, de fóra, a perturbar ou interromper essa tarefa destruidora. Isto se comprovou invariavelmente no passado, por mais solidamente defendidas que fossem as praças ou recintos atacados, e por mais desesperada e heroica que se tenha revelado a resistência das guarnições e dos habitantes, desde Tyro, Carthago, Sagunto ou Numância até Sebastopol, a famosa Saragoça, ha pouco mais d'um século, contra os exércitos de Napoleão, e recentemente Porto Arthur. De sorte que se pode considerar como regra, com uma ou outra excepção, mais apparente do que real, este factu commum em todas as guerras melhor conhecidas: cidade cercada é cidade tomada; fortificação investida é fortificação destruida. Isto repitamos — é o que a História nos demonstra: isto o que na guerra actual mais uma vez se verifica, ou antes, se tem verificado até agora. <sup>6</sup>

Veio esta pequena digressão a propósito das razões militares que aconselharam aos Allemães a invasão da Bélgica, se é que o Norte e o próprio Noroeste foram invadidos com effeito,

conforme era natural colligir d'umas noticias referentes á apparição de tropas exploradoras em Bruges e nas visinhanças de Antuérpia, e mais ainda, da ausência de qualquer offensiva dos Belgas organisaada e apoiada nas praças fortes de Flandres, <sup>7</sup> para a qual parece restar-lhes metade, pelo menos, do effectivo das suas tropas no começo da campanha (250.000 homens, a acreditar-mos n'uns dados que a imprensa publicou; 186.000, ao que o nosso geógrapho nos garante). Essas razões ignoramol-as. Tudo n'este formidavel conflicto parece estar disposto para desnortear a opinião, a começar no silêncio profundo em volta de bastantes incidentes capitaes, ou em grosseiras mentiras como a phantástica batalha naval no mar do Norte, e a acabar no laconismo das notas inglezas, na sobriedade, se não carência absoluta, das germánicas. <sup>8</sup> E não apenas para desnortear, para impedir quasi de todo, no grande público como no restricto mundo militar da Europa, sobretudo da que se não envolveu no conflicto, uma opinião consciente, auctorisada, alheia a intuitos favoraveis ou desfavoraveis aos dous grupos de Potências. E na verdade: de authêntico, de cuidadosamente averiguado e contra-provado com escrúpulo, que sabemos sobre os dados imprescindiveis a um juizo seguro em tão complexa questão? Pouco menos de nada: sabemos que os Allemães estavam, nos primeiros dias de

setembro, ao sul do Marne, nas visinhanças de Paris, onde o troar da artilheria se devia ter ouvido então; e que, repellidos d'essa zona, recuaram e s'entrincheiram agora sobre o Aisne. Como, pormenorissadamente, combateram e avançaram até ahi; como, com e contra que forças e recursos, exacta ou muito approximadamente, invadiram a Bélgica, subjugaram as praças de Liège, Huy e Namur, bateram os Anglo-francezes em Mons e Charleroi desde 23 de agosto primeiramente, depois em Cambrai e Guise, já em território da França, de fins d'agosto a 1 de setembro, os levaram deante de si até a segunda linha de defeza, os desaposaram rapidamente d'esta linha, se não foi espontaneamente evacuada, até os arrojar para o sul do Marne; como, com e contra que forças e recursos, invadiram o Luxemburgo, contornaram as Ardennas tomando Longwy e Montmédy e deram a mão, pelo O. do macisso, á sua direita que avançava pelo Sambre e o Mosa; como, com e contra que forças e recursos emprehendiam ao mesmo tempo a invasão das duas Flandres e a rendição ou destruição das obras fortificadas que lhes estorvavam o caminho, sobretudo a *fronte* do Norte na fronteira franco-belga, — é o que ninguém ousará dizer que sabe, em consciência. Indicações geraes, colhidas em geographias e n'um ou n'outro livro técnico, sobre effectivos em pé de paz e



em pé de guerra, calibre e alcance de metralhadoras e de peças, typos usuaes de campos entrincheirados e de fortes, com algum pormenor de mais interesse para o leitor d'esses livros; n'uma palavra, uma dezena de noções geraes, curiosas, essenciaes mesmo como o alphabeto nas aulas, insufficientes comtudo para assentar opinião séria, com direito a ser escutada e discutida, amalgamados com outra dezena de noticias lacónicas, não raro incoherentes, contradictórias e confusas, para não dizer já disparatadas muitas vezes, — tal a bagagem scientifica que se depara á intelligência indagadora e imparcial, absorvida apenas pelo desejo de vêr claro no drama sanguinolento que se está desenrolando, ao percorrer as chónicas e pretensas críticas que vêem vindo a lume nas gazetas. Ora, até a uma geographia militar e aos livros técnicos de menos indigesta leitura (o livro de Brialmont, sobre os «*Campos entrincheirados*», por ex., da Bibliotheca dirigida por E. Alglave) chega qualquer entendimento regularmente dotado e com alguma disciplina adquirida nas escolas; comprehende-os, emfim, qualquer homem intelligente e culto, comquanto não seja um militar.

E a impressão que lhe fica da leitura d'essas obras é a de ter aprendido simplesmente meia dúzia de noções geraes, na expressão ha pouco empregada, de ter sómente conhecido o alpha-

beto da arte que os povos têm aperfeiçoado recentemente para s'exterminarem com método e com a possível efficácia. Essas ideias theóricas ser-lhe-hão imprescindiveis para integral comprehensão das operações realmente desenvolvidas no terreno em cada caso especial; o que nunca poderão é fazer-lhe adivinhar, sem o concurso de factos, concretos e múltiplos, as operações realizadas ou a realizar n'uma campanha como esta, — a mais formidável e a mais complexa, sob todos os pontos de vista, que a civilisação tem presenciado. Os arrazoados que se lêem nos jornaes, quando não são desconchavos que nem compensam o tempo consumido na leitura, não passam de palpites de sectários, germanóphilos ou francóphilos, d'exteriorisação ingénuo de vaidade que nem toma a elemental precaução de se vestir com uns arremêdos de factos e de raciocínios que se imponham á minoria culta dos leitores, ou, mais raramente, da defeza d'uma these mais ou menos habilmente architectada sobre logares communs do que se chama a táctica e estratégia, e algumas noticias do theatro da Ineta, escolhidas para o effeito do argumento, e cuja authenticidade e significação rigorosa, aliás, os auctores d'esses artigos tendenciosos se não deram á canceira de apurar. Na sua «*História da guerra do Peloponneso*» Thucydides, um dos generaes athenienses que tomaram parte n'ella,



bom conhecedor do seu officio e das populações belligerantes, bastante opulento e amigo da verdade para se informar com a máxima exactidão sobre os principaes incidentes, militares e politicos, que assignalam essa lucta memoravel, notava já quanto é difficil fazer uma narração irreprehensivel do que realmente aconteceu, e do papel que tiveram n'esses episódios destacantes tal ou tal figura conhecida. Modernamente, um professional tambem como Napier, <sup>o</sup> que foi ao mesmo tempo um actor no drama, confessa que, para escrever a sua «*Historia da guerra na Peninsula e no sul da França*», se não limitou á sua observação pessoal e dos officiaes seus compatriotas, mas que teve de recorrer aos papeis do marechal Soult, gentilmente cedidos para conduzir a bom termo a sua obra capital. E tratava-se apenas de luctas em theatro restricto, e relativamente secundárias pelo número de combatentes e pela simplicidade dos meios offensivos e defensivos. Agora, n'uma lucta sem precedentes pela enormidade e complicação d'uns e d'outros, n'uma lucta que perturbou desde logo o mundo inteiro, em que s'encontram involvidas cinco das seis mais ricas e poderosas Potências europeias, que não é impossivel alargar-se a muitas outras grandes e pequenas, na Europa e fóra d'ella, que está ainda no seu começo, e cujo remate não ha, por'ora, possibilidade de pre-

vêr, assiste a gente com pasmo ao desenrolar de vaticínios mais seguros do que os do antigo oráculo de Delphos, como se os prophetas estivessem sentados na própria tripeça da sybilla, e de planos estratégicos como se os generaes das redacções estivessem em comunicação telepáthica com os Estados-maiores da Allemanha, e da Inglaterra, França e Rússia. Dir-nos-hão que artigos de gazetas não são capítulos d'um livro. Se não são, deviam sê-lo, se os seus auctores pozessem na prosa um bocadinho mais de probidade. E se, negando-se ao artigo o valor e a responsabilidade crítica d'um capítulo como um verdadeiro historiador o escreveria, tacitamente se lhe réconhece a inanidade para apreciação exacta dos successos, não seria mais honesto e mais sensato confinar o prurido d'escrever para o grande público, sem vagar nem aptidões para raciocinar com acêrto em assumptos embrulhados, no relato singelo, e préviamente depurado d'exaggêros, dislates, contradições, de quanto enfim não seja crível, e no commentário muito leve, mais illucidativo do que crítico, do que fosse acontecendo? Ninguem se lembra, é evidente, de negar a um chronista de jornal o direito de manifestar predilecção por uma das Partes em conflicto. Mas seja então um sectário, francamente; previna lealmente os seus leitores de que, ahí, só se dá curso a notícias e apreciações fa-

voráveis a uma d'ellas, e desfavoráveis á outra; de que, ahí, só ha advogados d'uma causa, não ha críticos, nem sequer transmissores desinteressados, dos episódios d'um acontecimento grandioso. O que s'está verificando infelizmente é que, apesar de vivermos ha quatro annos em regimen de República, o nosso jornalismo encara a sua decantada função educativa, salvo alguma excepção rara, como sempre a encanou; que a sua preocupação exclusiva, ou pelo menos dominante, consiste em sustentar o que julga ser o interesse do grupo ou seita politica em que milita, e quando se reclama independente, em corresponder ao paladar, fino ou grosseiro, da clientela do jornal. Quando a clientela — entendamo-nos — se orientou n'uma corrente definida, se deu ao trabalho de apparentar o que se costuma chamar uma *opinião*; porque se ella não quiz ou não pode manifestar uma attitude, nem pronunciar-se por um alvitre em qualquer embaraço pendente, é pittoresco, e é tambem lamentavel, notar como a loquacidade dos jornaes, se não téem competência especial na questão que veio á tela, por exemplo as medidas económicas e financeiras que a presente dictatura promulgou, é substituída pelo mais inviolavel dos silêncios. A clientela, e ao que parece, os próprios agrupamentos partidários nada conhecem d'economia e de finanças; ou se conhecem, acham que as

citadas medidas dos dictadores não precisam de meia dúzia de bons artigos destinados a tornal-as regularmente intelligiveis para a vasta maioria ignorante, e que não é, por conseguinte, necessário exercerem a sua habitual e decisiva pressão sobre os órgãos principaes do jornalismo. Como esta pressão se não exerce, os órgãos da opinião deixam, como é uso dizer-se, passar carros e carretas, sem se inquietarem sobre o que d'ahi possa ulteriormente resultar, sem mesmo se imporem o dever elementar de inquirir se as providências tomadas satisfarão aos diversos intuitos que as dictaram.<sup>10</sup> É a mesma abstenção inadmissivel, já que de cousas de guerra se tracte n'este momento, e d'ellas apenas s'esteja occupando todo o público, a respeito do estado real em que s'encontra o nosso exército, e das condições em que poderia interferir sem que o propósito, de que para ali se fallou e continua a fallar, representasse um erro politico, uma impossibilidade financeira e uma imprudência militar. Já não é pouca a tinta gasta por competentes profissionaes na exposição e na crítica das operações conduzidas pelos generaes Joffre e Von der Goltz, parece; não seria opportuno, poisque se tem previsto a eventualidade d'entrarmos tambem no conflicto, que esses profissionaes competentissimos gastassem tambem alguma no debate d'um problema que tão de perto nos toca?

O exame da nossa verdadeira situação militar teria entr'outras vantagens, quando feito com mais algum saber e mais escrúpulo do que os demonstrados em certas chónicas da guerra, a de provar que estamos, ou não, prevenidos para a hypóthese formulada pelos partidários d'uma attitude bellicosa da nossa parte, e no caso affirmativo, de ir dispondo a opinião para as consideraveis despezas e os riscos inevitaveis que a intervenção na contenda nos traria. A discussão d'este ponto vital para a segurança do paiz, e talvez para a subsistência da República, é que desejaríamos vêr os criticos applicar os seus talentos. Não queremos dizer com isto que desistam d'informar os seus collegas e o público sobre as phases que o duello fôr successivamente revestindo. Quereríamos só que fossem menos germanóphilos ou francóphilos para serem mais lusóphilos; que borrifassem com um pouco d'água fria tanto ardor pelo que vem passando longe, e consagrassem ao seu paiz e aos seus compatriotas, a quem a guerra já prejudicou e que poderão ser em breve ameaçados, ao menos o excesso de temperatura affectiva que o banho refrigerante lhes tiver subtrahido. O cidadão d'uma república, se possui com effeito as virtudes que caracterisaram sempre o cidadão, é da sua pátria que se occupa antes de nada; á sua integridade e prosperidade, sobretudo, que dedica todo o affecto,

que vota todo o tempo, todo o saber, todas as faculdades em momentos difficeis como este, e que boas razões levam a presumir que ainda se hão de aggravar mais. O que está occorrendo ao longe, em rigor, só indirectamente nos interessa por ora; e só se admite que seja assumpto absorvente para quem não tem a vida engrenada em deveres imperiosos da profissão ou do officio, isto é, para os homens de pensamento e de critica que fizeram dos phenomenos sociaes objecto d'investigação scientifica e d'opinião desinteressada. Só pensadores ou criticos sociaes podem legitimamente reivindicar para si, em crises análogas á que a Europa vem atravessando, plena liberdade de movimentos, um como direito natural a pôr de lado provisoriamente os negócios e interesses actuaes do seu paiz para se formarem um juízo impessoal, o mais indemne possivel de qualquer intempestiva paixão, nacional ou individual, que lhe impeça a visão lúcida dos factos. Esses homens de gabinete não téem, afóra as obrigações geraes do cidadão, espécie alguma de peia legal, ou meramente moral, que os obrigue, na conjunctura a que nos referimos, a votar-se exclusiva ou principalmente á sua pátria. Podem livremente fixar, para além fronteiras, o seu olhar indagador, esquecer-se até de que o seu paiz existe, e pode ter interesses na questão.



O profissional da política e das armas é que não possui a mesma liberdade moral, quando não mesmo legal, nem que seja — caso raríssimo, de resto — um pensador. Esses homens, quasi todos funcionários do Estado, têm o estricto dever de mostrar, sequer ao menos quando complicações podem surgir, que s'está devidamente preparado para ellas; que não foi em vão que a massa contribuinte desembolsou o seu dinheiro, confiou na sua capacidade e no seu patriotismo; que não foi por fúteis motivos, nem por mesquinhos cálculos de cubiça, de vaidade e d'ambição que accetaram os seus logares e funcções públicas. As suas responsabilidades ligaram-se, por espontâneo alvedrio, aos destinos da nação, que os remunera, lhes tem docilmente obedecido, e naturalmente espera agora vêr fructificar a confiança e as despezas não regateadas. Entra no rol dos seus deveres olhar para o longe, é claríssimo; mas quanto baste para cumprir cá dentro os que a sua posição especial, no mundo do funcionalismo e da politica, não menos claramente lhes impõe; mas quanto baste para dirigir, d'accôrdo com as indicações que colherem e as conclusões a que chegarem do exame da situação europeia actual, os esforços e os recursos collectivos; quanto baste, enfim, para o estudo consciencioso dos meios que ponham a sua pátria ao abrigo de qual-

quer perigo que possa acaso sobrevir. Não somos Allemaes, como não somos Franco-ingleses; somos, julgamos nós, Portuguezes. Como Portuguezes só, e para orientação de procedimento portuguez, é que o relato e a crítica das operações dos belligerantes revestirá verdadeira utilidade. Fazer chronicas da guerra para entreter a galeria, e fazel-as sobretudo na intenção, confessada ou transparente, de defender um dos Partidos, como se algum d'elles tivesse na minima conta a opinião e o voto dos chronistas, é ridiculo, é impertinente, é inoportuno. É, embora aos seus auctores o simile não seja agradável, imitar aquelles figurões da sátira de Tolentino, discutindo nos botequins de Lisboa a estratégia de Dupleix e Warren Hastings, e que,

Tendo repartido o mundo,  
Nos vem pedir uma esmola.

Equivale a distrahir a attenção pública dos graves problemas internos que é de absoluta necessidade resolver. Equivale a dar um excelente pretexto a muitos prégadores de patriotismo para fugirem a encarar de frente a nossa confusa e complicada situação, interna e exterior; pelo menos, a impedir a tantas collectividades e individualidades competentes, e directamente interessadas na matéria, a expo-



sição das suas vistas e dos seus planos nas finanças, na economia, na crise do trabalho e das subsistências, na organização satisfactoria dos nossos recursos defensivos, para citarmos apenas as questões de mais urgência. Um público detestavelmente educado pelas anteriores gerações governativas não sente para ahí voltada a sua curiosidade pathológica? Razão de mais para se combater essa atonia; razão de mais, no actual regimen de república, para se emendar um erro antigo e funesto das classes que se dizem dirigentes; razão de mais, pois que vivemos dentro d'instituições democraticas, ao que se diz, para levar este povo a reflectir no que se passa em sua casa. E comtudo — singular patriotismo, e singular democracia! o silêncio do jornalismo e dos loquazes conductores de agrupamentos políticos sobre aquellas questões vitaes é pouco menos de completo, d'absoluto. Desde o tratado commercial com a Inglaterra, de 12 d'agosto passado, até ás tentativas recentes para achar solução viavel á carestia das subsistências e á crise de trabalho, não surge nos órgãos, officiosos e officiaes, dos partidos e das entidades que deviam fazer ouvir a sua voz auctorizada, um alvitre, um commentário, um estudo, uma critica, acêrca das resoluções e medidas a tomar, ou já tomadas, salvo algum exemplo solitário, e em regra só em jornaes alheios á politica. De que

servem então — é lícito perguntar — a política e os políticos? Ao que parece, sómente para delegar em nove cavalheiros ministeriaes o papel de Providência no transe escabroso por que a nação vem passando desde agosto, furtando-se com os seus agrupamentos á glória e a responsabilidade do que esses nove mártires resolverem. E servem só tambem, ao que parece, para sustentar Joffre contra von der Goltz, ou von der Goltz contra Joffre, exactamente como os figurões de Tolentino, e aggravar levianamente, com disputas artificiaes sobre personagens que nem lhes sabem da existência, e sobre cousas de que pouco ou nada entendem, em que no entanto o seu voto nada vale, as dissidências que nos separam desde o 5 d'outubro e que seria patriótico esquecer.<sup>11</sup>

Não se repara em quanto é para nós depressivamente um sectarismo á sobreposse, que nenhuma sympathia ou antipathia apaixonadas justificam, e que no fundo só visa os adversários políticos do ideal que se professa. As preferências germanóphilas traduzem-se, na realidade, em resentimento contra a república; as francóphilas, em mêdo e rancor á monarchia. E dando de barato que as duas categorias d'enthusiastas pozessem toda a sinceridade e mais desprendimento pessoal nas apreciações que formulam e nos desejos que proclamam; admittindo que um evoca motivos sérios

para ser partidário dos Anglo-francezes, e o outro para se inclinar pelos Allemães, — não se perceberá que isto corresponde a uma altercação entre pupilos sobre a escolha d'um tutor?

Não será tempo de acabar com exaltações que, em derradeira anályse, se resolvem em caprichos de creanças, e podem muito bem resvalar até uma formal ignomínia? Foi Portugal quem desencadeou a tempestade? Algum dos colossos em lucta pediu-lhe antes a sua opinião, ou sollicitou-lhe os bons officios? A não ser, pois, pelas consequências, ou melhor, pelos prejuizos que lhe possam resultar do desenlace, — que nos importa, a nós Portuguezes, que a victória venha, afinal, a caber a um ou outro contendores? Achamos muito bem que se examine as probabilidades em favor d'um dos dous Partidos, pois que o exame não é indifferente á adopção d'uma attitude, e principalmente de precauções que nos evitem, ou reduzam ao mínimo, qualquer mal que porventura nos ameace. Mas esse exame — quem é que o fez entre tantos corypheus que se agitam nos dous campos? E se algum dia se resolverem a tental-o, — como não se deterem com particular attenção no da hypóthese que, no seu ponto de vista partidário, fôr precisamente a mais desfavoravel: para os monarchistas, o triumpho de Ingleses e Francezes; para os republicanos, o

triumpho dos Allemães? Um exame d'estes, sim, desejaríamos que o tentassem germanóphilos e francóphilos com valor representativo no seu grupo. O debate sereno e largo da hypóthese que mais contrariasse as predilecções do escriptor, esse, incontestavelmente, demonstraria intelligência forte e varonilidade irreductivel. Mas onde estão esse exame e esse debate? Lôas ou anáthemas, encómios ou invectivas, uivar, emfim, com os lobos da alcateia, é o que em geral se presencinha por ahi todos os dias. Vem noticia annunciando que os Alliados progridem? Gritaria nos arraiaes dos francóphilos. Que progridem, por sua vez, os Allemães? Contentamento nas phalanges germanóphilas. Que é isto, no fim de contas? A reedição dos futeis debates dos personagens de Tolentino; mais uma prova cabal da toleima portugueza; mais uma exhibição deploravel da incompetência e da pusillanimidade d'este povo em se defrontar com as questões que lhe deviam obsediar o coração e o espirito, por depender o seu futuro das soluções que lhes encontrar. Já se tem extranhado, com razão, que esses milhares de temperamentos ardorosos, que se fatigam a esmurrar em effigie o detestado inimigo, não vão offerecer a sua dedicação e a sua intrepidez ao belligerante cuja victória parece tão fundamente alvoroçal-os. Se não pelo número, pela fé e pela coragem representariam uma legião de com-

batentes que ainda não seria lá para desdenhar. Batalhar de longe é um supplicio; do mesmo modo que o é tambem amar a sêcco. Ninguém lhes tolhe, julgamos, a liberdade de sahirem quando queiram; e lá ninguém, tampouco, os deixará morrerem de fome. A aspiração do amante das novellas, da época do romantismo, era o «amor e uma cabana». A dos nossos românticos paladinos será, como a do revolucionário Malato, «um pedaço de pão e uma espingarda». Ora, até aqui chegam bem os recursos dos povos por quem tanto aneiam combater. É partir sem hesitações; não faltará por aqui quem os applauda, e quem os agasalhe lá cordealmente. Ficam assim libertos da obsessão que os sobreexcita: e este povo pacato, de não poucos patetas ou histriões que o importunam. E se os chronistas quizessem tambem abalar, fosse ao menos na intenção, muito louvavel de resto, de fazer os seus estudos no vivo, seria ouro sobre azul. Dar-nos-hiam excellentes monographias acêrca dos episódios notaveis do conflicto, e poupavam-nos ao fastidioso trabalho de lhes tomar a sério as phantasias estralégicas.

Dir-se-ha talvez que estamos propositadamente a carregar os tons do quadro, ou que alguma irritação anormal dos nervos nos obriga

irresistivelmente a ser injusto. Nem intuito algum malévolo nem irritabilidade alguma anormal dictaram as breves observações que ali deixamos. É dar-se o leitor paciente ao cuidado de reflectir alguns instantes connosco, libertando-se, no caso de se mostrar susceptível d'essa disciplina interior, de predilecção ou d'opinião antecipada. Imagine-se, podendo ser, na situação d'um narrador a quem se incumbiu um relato, fidedigno e minucioso o mais possível, dos episódios e incidentes mais importantes da guerra, destinado a ser lido por um grupo restricto de pessoas illustradas, indifferentes ao resultado da enorme refrega, e só attentas ao modo como as operações militares são conduzidas. Não é claro que poria o máximo de agudeza e d'escrúpulo criticos, primeiramente, em se garantir a authenticidade originária das notícias, depois em extrahir, do acervo confuso d'ellas, todos e apenas os dados concretos plausiveis com que organizar uma narrativa provavel, ou pelo menos verosimil? É irrefragavel. Ora, terá sido assim — cercando-se das precauções criticas elementares que a probidade, a complicação extrema dos successos a apurar, a probabilidade, para já não dizer a certeza antecipada, d'omissões, incoherências, deturpações e mentiras, lhes impunham — que os criticos e commentadores da campanha têm, geralhente, procedido? Repare-se. A authenticidade da infor-



mação nem sequer foi discutida pelo articulista ou pelo jornal. De quando em quando, lá se lh'encontra adjuncta a expressão de — official — simplesmente. Mas em rigor, este qualificativo solitário, appenso á informação — que significa? Sabel-o-ha o leitor imparcial? Nem nós, também. D'onde emanou? Sob a responsabilidade de quem a sua veracidade é garantida? Tratar-se-ha d'uma nota escripta communicada por tal ou tal Gabinete á imprensa do respectivo paiz apenas, e transmittida por esta aos correspondentes de jornaes estrangeiros e agências telegráphicas, como a Havas, a Fabra, a Reuter? Tratar-se-ha, em vez d'uma nota escripta, d'uma simples communicação verbal d'este ou d'aquelle ministro áquelles intermediários e órgãos de publicidade, conjunctamente ou só a alguns? Porque, no primeiro caso, a versão publicada tem de ser uniforme nos jornaes que directa ou indirectamente a receberam, conforme tem acontecido com as da legação británnica em Lisboa, por ex., e no segundo, ha a presumir que as palavras da notícia dada ao público não traduzam com fidelidade, embora sem intento algum reservado, o que o ministro quiz dizer. A authenticidade d'uma conversa, ainda que rápida e em que foi interlocutor o correspondente ou o jornalista, não vale evidentemente, a não ser tomada em globo e confirmada por noticias ulte-



riores, a d'um escripto litteralmente copiado. Já viu o leitor crítico que os jornaes e os chronicistas se dessem ao incómodo, bem pouco fatigante de resto, de illucidar essas e outras dúvidas, que naturalmente occorrem a quem não se deixa commover pelos *normandos* de que s'está usando e abusando na imprensa portugueza? Que nos conste, nem um único. E todavia os jornaes não ignoram que a immensa maioria dos seus leitores desconhece de todo os seus correspondentes, e o modo como o seu serviço d'informação está organizado.

Além d'isso, as próprias notas officiaes authenticas, pela origem auctorisada e por serem cópias litteraes, embora de todo indemnes d'uma deturpação ou falsidade, podem muito bem comportar, e por comprehensíveis razões, o que se chama *entrelinhas*; e carecem portanto, para constituírem material histórico seguro, da contraprova, tambem authentica, da versão do Partido contrário relativa aos mesmos factos. Uma relação unilateral não é sufficiente, exceptuando-lhe as passagens que posteriores informes, ou determinado conjuncto de occorrências inexplicaveis n'outra hypóthese, vierem corroborar. O cotejo de versões acêrca do mesmo acontecimento é uma regra tão conhecida de todos, como a sua applicação é vulgarissima em innumerous casos da vida social. Porque não serão ellas respeitadas n'um aconte-

cimento de proporções extraordinárias, sobre que toda a gente deseja ter esclarecimentos dignos de fé, e cuja influência na vida interna de cada povo se tornou desde logo apreciavel, e pode ulteriormente tornar-se mesmo decisiva? É o momento de recordar a phrase bem conhecida: que «nos respondam os anjos».

As entrelinhas é facil descortinal-as até n'aquellas notas, como as da legação ingleza, em Lisboa, que merecem toda a confiança nas affirmações que ahi são feitas. Leiam os curiosos com attenção qualquer das que téem sido publicadas, a que resume, por ex., as operações realisadas de 23 d'agosto até aos primeiros dias de setembro, desde a batalha de Mons-Charleroi até ao volta-face do exército dos Alliados na margem esquerda do Marne. Não ha n'ella uma só linha onde se julgue descobrir o propósito de occultar qualquer occorrência de vulto n'esse movimento de retirada, nem d'esbater, menos ainda deturpar algum revez soffrido por Inglezes e Francezes. Vai mesmo até mencionar claramente os pontos do território invadido pelo exército allemão, como por ex. Reims, sobre que os telegrammas d'origem franceza nem uma palavra tinham dito até à data. E comtudo, não deixa de suggerir alguns reparos a sua mudez (julgamos nós), sobretudo quando vêem com exactidão mencionados os logares «occupados pelos Allemães em 3 de setembro»

(a nota tem a data de 6), sobre as operações dos Alliados na fronteira entre a «batalha de Mons em 23 d'agosto, a de Cambrai em 25 e a de Guise em 29 de igual mez, capitulada de «consideravel» no sóbrio e claro documento, e da qual n'elle se affirma que o 5.º corpo do exército francez se sahira com «notavel e sólido bom éxito», obrigando a retroceder o inimigo. Ha, muito provavelmente, aqui uma lacuna, relativa quer ao resultado das operações de que parece ter resultado o movimento retrógado dos Alliados, desde Mons e Charleroi em território belga até Cambrai e Guise em território francez, quer ao destino das praças fortes intermédias a essas posições limitativas, Lille, Maubeuge, Condé, Valenciennes. Sobre os incidentes capitaes das operações dos belligerantes effectuadas entre as datas acima copiadas da nota não houve, que saibamos, notícia alguma posterior official que os resumisse. E para vêr confirmada a conjectura — bazeada precisamente na omissão da nota a este respeito, na falta de informações por telegrammas ou transcripções de jornaes estrangeiros, e nos rápidos progressos da invasão — de que a *fronte* do Norte com os fortes da *trouée* (passagem) do Oise, de Givet a Hirson, tinham cahido em poder dos invasores, não obstante affirmativas contrárias em relação aos de Givet e Maubeuge, foi preciso esperar, aproxima-

damente, tres semanas. Foi só pela narrativa d'episódios minúsculos, insertos em jornaes estrangeiros e que os nossos publicaram, occorridos n'essa parte da fronteira, em Tournai e em Lille por ex., e por notícias de vantagens da ala esquerda dos Alliados depois da grande refrega do Marne, que se pôde ter por confirmada a perda das praças e posições mencionadas, ao menos d'algumas d'ellas, e por verosimil a presença de Allemães na *fronte* que s'estende de Dinquerque até Boulogne, de certo em serviço d'exploração e reconhecimento d'essa zona do littoral.

Não deixam tambem de nos levar a reflectir as passagens da nota, nos seus primeiros periodos logo, em que se julga a retirada como «exigida» pelo choque inicial da fronteira e a «enormidade» das forças allemãs, e se regista (no periodo immediato) que o exército inglez «se conformou» com o movimento geral de retirada e «procedeu d'harmonia com as concepções estratégicas do Estado maior general francez». Se a retirada foi «exigida» pelas circumstâncias que constam da nota, como resultou ao mesmo tempo, ao que parece, de concepções estratégicas, sem dúvida preliminares? O modo, a ordem por que se realisou a retirada é que tinha de obedecer, e obedeceu certamente, a um plano definido. Mas o facto mesmo da retirada não se percebe como po-

deria integrar-se n'um plano préexistente, a não ser que houvesse desde o início da lucta o propósito de se guardar uma attitude systematicamente defensiva, como parece guardarem-n'a agora no Aisne os invasores, e de se contar préviamente com uma derrota inevitavel. Será esta a interpretação exacta do que a nota quiz dizer? ou deixou-se transluzir a opinião, qualquer que fosse a sua procedência, de que a retirada poderia ter sido substituída por um simples recuo, por ex. até á segunda linha de defeza, apesar da violência do choque inicial, se não tivesse havido qualquer descuido ou qualquer erro, que o documento não cita? Impossivel responder. Occorre, sómente, a este propósito que outra nota britânica anterior de 30 de agosto, expunha com clareza as razões por que se tinha perdido alguns canhões nas batalhas de Mons-Charleroi e de Cambrai, e dava como motivo da retirada o intuito de se arrostar com o inimigo em posições mais vantajosas, provavelmente na *fronte* do Norte, ou então na segunda linha, em La Fère-Laon-Vaylly; e que se noticiou, por esses dias, a destituição do commandante de Lille, e até do próprio Joffre. A conjugação d'estes factos não mostrará que, mesmo nos mais fidedignos relatos da guerra, ha entrelinhas? Quem sabe, pois, como as cousas se passaram vivendo-se a centenas de léguas do *theatro* do conflicto, tendo-

se apenas á disposição materiaes incompletos, e não havendo meio de os completar nem comprovar?

É para se avaliar a perfeita probidade com que são redigidas as notas d'origem ingleza, e quanto a sua imparcial concisão contrasta com os diffusos arrazoados sectaristas que se lêem em diversos periódicos, é bastante lêr com attenção a de 6 de setembro, particularmente a passagem que relega para ulteriores acontecimentos a occasião de se apurar a que foi devida a mudança de plano do inimigo no Marne: se «voluntaria», se forçada «pela situação estratégica e pelas grandes forças dos exércitos Alliados que estão na sua frente». Compare-se esta dúvida prudente e intelligente com as afirmações cathegóricas e gratuitas de mais do que um dos nossos chronistas da campanha.

Das notas officiaes de origem allemã e austro-húngara nada podemos dizer com segurança, porque apenas vimos duas.<sup>12</sup> Mas como a allemã, de 14 de setembro, não nos consta que tivesse sido desmentida, e na passagem relativa ao bombardeamento de Verdun, foi indirectamente confirmada, e o mesmo succederá provavelmente á nota austríaca de 26 d'egual mez, não será temerário concluir que manterão a veracidade escrupulosa das británicas e francezas. O que poderão, como estas, é ser omissas, demasiado lacónicas n'alguns pontos interessan-



tes, e ter também as sua entrelinhas, e também independentes estas de qualquer intuito reservado; menos exactas é que tudo nos força a crêr que não sejam. E comprehende-se, quando se não tenha uma alma mesquinha e um entendimento muito curto. Um Governo, até mesmo d'um paiz pequeno como o nosso, não é uma agência telegráphica nem um órgão jornalístico; tem outras responsabilidades, e por consequência outros deveres. Cala ou attenua este ou aquelle acontecimento, e só momentaneamente em geral, que possa sobresaltar as populações prejudicando a sua causa; o que nunca fará é illudil-as. São, pois, estas notas officiaes a documentação mais authênica sobre a guerra, que um leitor illustrado dos jornaes pode, por emquanto, ter á sua disposição para se formar, acêrca dos seus episódios e possível desfecho, um juizo fundamentado; e bem andariam os jornaes, sempre que lhes fosse possível, em reservar para essas notas o *normando*, e uma secção própria, bem destacada entre as notícias publicadas sobre o assumpto. A mesma authenticidade claro é que reconhecem os telegrammas com o qualificativo *official*, se provêem das legações estrangeiras em Lisboa, ou se a agência e o correspondente merecem toda a confiança pelo que toca á inteireza e exactidão do despacho transmittido; porque, além da censura que todos os Governos,



muito legitimamente, se reservam n'estas phases anormaes, ha que estar precavido contra naturaes preferências por qualquer dos contendores. O agente e o correspondente, em rigor, só poderão impôr a fé nos telegrammas officiaes que transmittem se honver a certeza antecipada de que o seu papel está reduzido, por deliberação espontânea ou pela pressão das circumstâncias, ao d'um transmissor neutral, meticuloso e docil, do que lhe fôr communicado. De maneira que, das informações que telegrapham, embora tragam appenso o qualificativo *official*, o mais prudente será aguardar confirmação ulterior.

E são estes apenas os materiaes valiosos para irmos diariamente acompanhando a evolução dos exércitos em lueta, e para incidental ou periodicamente depararmos com um resumo certo de factos occorridos e de operações militares effectuadas. E para irmos elaborando este conhecimento, muito superficial e incompleto aliás, torna-se indispensavel, como s'está vendo, classificar sob o ponto de vista da credibilidade as notícias que se lêem, procural-as aqui e além no acervo de consas, importantes e minúsculas, que o jornal, em regra, amontoa e baralha em lamentavel confusão, discriminar assumptos, attender a datas, reparar na procedência, não esquecer a rubrica *official* (ou officiosa, ás vezes), nem qualquer observação

explicativa do jornal, e olhar com cuidado a inicial ou o nome que subscreve a notícia ou o telegramma. Um trabalho de paciência de que só um beneditino se não sentiria fatigado! Os jornaes não classificam, de certo por falta de tempo e por conveniencia de paginação, todos esses materiaes recebidos a esmo, nem pelo seu valor documental, nem por datas, nem por assumptos. E augmentam ainda a confusão, para quem os lê, misturando a informação directa das agências ou dos seus correspondentes telegráphicos com transcripções dos collegas estrangeiros, e abstando-se d'esclarecimentos opportunos acêrca do que signifiquem as iniciaes que subscrevem as noticias, sobre quem sejam os *C.*, os *S.*, os *Esp.*, — se algum correspondente especial, como parece, que o jornal enviou lá fóra, e a quem paga para servir conscienciosamente a clientéla que o compra, se alguma entidade symbolica, á maneira d'aquelle snr. Fisco, que Magalhães Lima verbe-rava com insistência n'um discurso, e a quem um dos ouvintes se propunha desancar. E as que trazem só uma data e o nome d'uma cidade, sem qualquer inicial que as subscreva, a quem deverá o leitor attribuil-as: a algum informador adventicio?...

Como se possam redigir chónicas diárias da guerra, não raro tão extensas como a esticada légua da Póvoa, no meio da Babel das

noticias desencontradas, omissas ou tendenciosas, que vão affluindo ás redacções durante as vinte e quatro horas, sem esse trabalho discriminador e crítico preliminar, é o que não se torna facil d'entender. No caso presente d'uma situação militar indecisa n'uma extensíssima frente de batallia, com effectivos militares desconhecidos, no conjuncto e em cada zona ou secção d'ella em que se estão realisando reconcontros, com meios d'ataque e defeza ignorados, ou quando muito, sómente presumidos no ponto de vista da qualidade, e n'um terreno cujas vantagens ou inconvenientes para os dous exércitos que se defrontam carta alguma (excepto a do Estado maior) permite apreciar, parece que bastaria uma chónica semanal. Era assim, espaçadamente, com intervallos sufficientes para que os Russos e os Turcos se movessem d'um modo apreciavel, e os leitores respirassem com alguma liberdade, que um escriptor anónimo redigia as suas em 1877 nas pag. da «*Revue scientifique*». Eis um modelo que os facundos chronistas militares do nosso paiz não andariam mal em consultar. Ahi ha informações authênticas, dados bastante completos e precisos, e discussão imparcial. O auctor visaria provavelmente já, como os políticos francezes, pelas proporções que deu ao seu estudo, a futura alliança entre a França e a Rússia; e todavia o objectivo, se o teve, não lhe perturbou a lu-

cidez e a imparcialidade com que narra e aprecia os principaes incidentes d'essa guerra.

Passemos, porém, sobre esta primeira e fundamental difficuldade da authenticidade e da sufficiência, para se organizar opinião, das noticias que o telégrapho e os jornaes estrangeiros vêem ministrando á nossa imprensa. Que se pode aqui saber de positivo, de minudente, de correctamente averiguado, quer sobre os effectivos trazidos a campo, e ao occidental apenas, por Allemães e Alliados desde que a lucta principiou, quer sobre as perdas, mortos, feridos, prisioneiros e extraviados, soffridas desde o começo por uns e outros, quer sobre o valor, qualitativo e numérico, do material terrestre de campanha, préexistente e que affluir mais tarde, á medida que os obstáculos cresciam e as vicissitudes do conflicto o reclamavam?

Ha os livros técnicos e as estatisticas especiaes que nos fornecem os dados e indicações authênticos, precisos, completos, sobre material e effectivos; e ha, para as perdas experimentadas, os boletins officiaes publicados pelos Governos belligerantes: lembrar-nos-hão os melhores informados na matéria.

Quanto a estes boletins, só ha pouco souhemos pela vez primeira, vendo citado o n.º

34, que os vem publicando regularmente, segundo parece, o governo allemão relativamente aos seus nacionaes, excluidos prisioneiros, ao que pensamos; só ainda por uma nota da embaixada allemã em Lisboa é que soubemos tambem o número dos prisioneiros inimigos conservados nos depósitos do Império. São, como se vê, dados estatisticos deficientes, apesar d'essenciaes ao chronista consciencioso da campanha. Faltam as que deviam dar as perdas austro-húngaras, e as dos Alliados no theatro occidental. Porque os respectivos Governos não as tenham organiado? Com toda a certeza que não. Porque não lhes dêem publicidade? Ignoramos. Lêem-se os jornaes portuguezes de maior circulação, e nem uma palavra illucidativa espontânea a esse respeito. As notas a que nos referimos atraz fornecell'as a legação da Allemanha; de motu-próprio, não nos consta que tenham inquirido d'outras notas similares junto das legações dos Alliados em Lisboa, nem procurado obter os boletins das perdas allemãs, anteriores ao 34.<sup>13</sup> E será, contudo, indifferente para uma avaliação, grosseira embora, dos effectivos actuaes dos belligerantes o número total de perdas que cada um tenha experimentado até aqui? Uns 150:000 prisioneiros dos Alliados: rezava a nota allemã, de 14 de setembro, que não vimos contestada. Quantos prisioneiros allemãs, em

poder dos Aliados, a contrapôr áquelle número? <sup>14</sup> Não dizia a nota citada o número dos seus mortos e feridos, talvez por o suppôr conhecido pelos boletins officiaes. Não seria para agradecer aos jornaes portuguezes, ao menos aos partidários da Triple-Entente, a publicação integral d'essa estatística? Não lhes seria possível, em todo o caso, divulgar a que deve ter consignado o número dos prisioneiros allemães? De maneira que ignorando-se aqui, em Portugal, o número total, ainda que só approximado, das perdas soffridas, em mortos, feridos, extraviados e prisioneiros, pelos dous belligerantes, e não tendo até hoje apparecido o menor dado sobre o número dos homens inutilisados por doença, parece-nos claro que não é possível, em qualquer phase da lucta, calcular-lhes os effectivos.

Mas dispomos — dir-se-ha — das estatísticas officiaes relativas a campanhas anteriores. Sem dúvida que dispomos, e que foram certamente elaboradas com o máximo escrúpulo scientifico. Infelizmente, de pouco servem para um cálculo inductivo, fosse embora apenas dos prisioneiros, e dos mortos e feridos. Os números que representam os primeiros são em extremo variaveis, por dependerem de concepções estratélicas e de tática, e do estado moral dos combatentes, a que nenhum processo conhecido d'avaliação foi jamais applicavel. A simples



substituição d'um general incapaz, um revez ou um perigo que a imaginação dos soldados avoluma, bastam para os allerar n'um ou n'outro sentido enormemente. E quasi o mesmo se dá com os representativos dos segundos, por virtude dos immensos progressos realizados, ainda que só a contar da última guerra europeia consideravel, a russo-turca de 1877, no material de campanha, e geralmente nos meios de ataque e de defeza. As próprias estatísticas invocandas mostram bem quanto esses aperfeiçoamentos vêem influindo nas percentagens dos feridos e dos mortos.

Quanto ao número dos enfermos, esse é, como o dos prisioneiros, absolutamente incalculavel. Os conhecimentos hygiénicos, o cuidado crescente que todos os governos e todas as nações revelam pelas medidas sanitárias, em tempo de guerra sobretudo, téem reduzido progressivamente nas campanhas posteriores, por ex., á de 1870 a percentagem dos homens attingidos n'ellas por doenças. Devemos contar porém com factores aleatórios, susceptiveis de neutralisar, em maior ou menor grau, os benéficos resultados da sollicitude que todos os Governos, sem excepção, dedicam hoje á hygiene do soldado, no serviço ordinário de guarnição e no serviço de campanha. Umaz vezes não ha tempo para enterrar os mortos nem fazer evacuar rapidamente os feridos, pelo menos com as com-



modidades que o seu estado exigiria; outras, as provisões, embora d'excellente qualidade, não chegam a horas ou com a regularidade precisa para evitar o enfraquecimento dos homens, e os impedir de lançar mão dos primeiros alimentos que appareçam; ha ainda as intempéries, calores suffocantes ou frios rigorosos; e ha o terreno em que a lucta se prolonga, ora excessivamente árido, onde nem sempre será facil achar água boa, para beber e para abluções, ora muito húmido, encharcado e paludoso. Estas e diversas circumstâncias mais, que não vale a pena referir, improvavel que não exerçam influxo decisivo na saúde e na robustez dos combatentes, e quasi todas são rebeldes a cálculos quaesquer antecipados. Se ha número que mais oscille nas estatísticas especiaes, ou que possa oscillar entre limites muito largos, é incontestavelmente a percentagem dos homens inutilizados em campanha por doenças. E esse número, na que vem sendo travada actualmente, não nos consta que um jornal qualquer, ou qualquer outra publicação, mesmo estrangeira, o tenham dado.

Saber-se-ha, porém, o valor numérico exacto dos effectivos iniciaes que os contendores alinharam nas fronteiras? Saber-se-ha sequer, rigorosamente, os effectivos totaes, em pé de guerra, que cada uma das Potências em conflicto incorporou e concentrou desde que a

mobilisação foi decretada? D'estes últimos parece, com effeito, que ha, ou pode haver conhecimento rigoroso; pois que são, ou podem ser facilmente consultadas por qualquer espirito indagador, além das publicações consagradas ao assumpto, trabalhos de geographia e obras técnicas, por ex., a demographia, as leis referentes, em cada paiz, á organização e serviços militares, e os orçamentos annuaes dos ministérios da guerra e da marinha que todos elles publicam, e que são, em regra, larga e minuciosamente discutidos em assembleias electivas, em que toda a gente tem ingresso. Ha sempre, para cada um d'esses paizes, um contingente annual de recrutas, o serviço militar é universal e obrigatório em quasi todos; de sorte que, sabendo-se o número de mancebos annualmente sujeitos á acção da lei, que aliás o Censo da população facilmente permite calcular, assim como a verba inscripta nos orçamentos citados para a instrucção dos contingentes, com mais alguns esclarecimentos complementares, egualmente faceis d'obter, chegar-se-hia, parece, a fixar exactamente os effectivos de cada paiz, em pé de paz e em pé de guerra. E comtudo, ficar-se-hia um pouco longe da verdade, até mesmo n'aquellas nações em que as leis, particularmente as militares, se fazem para ser severamente executadas, e não são, como acontece em Portugal,

de funil, incluindo as militares, — longe, dizíamos, da verdade calculando os effectivos com os elementos apontados acima, ou tomando á letra os números insertos em livros e publicações especiaes. Qualquer que seja a severidade posta no cumprimento da lei do serviço militar, favores hão de sempre dispensar-se aos amigos pessoaes ou politicos, quando se não estique demasiado a corda do abuso, e o favor não redunde em grave escândalo, para se não offerecer o flanco ás opposições, vigilantes e má-lévolas. Eis aqui, pois, já uma primeira causa de erro nas avaliações de que fallamos. Ha, depois, as exempções, temporárias e definitivas, que a lei prevê, e a redução no tempo de serviço activo, consignada em todas ellas para certas classes d'individuos: segunda causa d'erro, portanto, que só poderá ser corrigida pela consulta de mappas especiaes, que os Governos, incluindo o nosso, publicam é certo, mas que os criticos geralmente s'esquecem de folhear com attenção, ou que são tardiamente publicados. Ha, finalmente, os refractários e os incapazes de se adaptarem ao serviço, embora sejam sãos de corpo, por deficiência mental, por apathia ou defeito análogo da vontade, por aggressivos, insociaveis ou rebeldes. Eis um grupo de conscritos que tem de ser retirado da fileira, e abtido por consequência ao effectivo que se pretende calcular, e cujo número se tornava pre-

ciso colher em documentos próprios, se é que existem em toda a parte, e em toda a parte se publicam.

Haverá talvez ainda uma outra circumstância que pode induzir em erro o investigador: é o propósito de occultar ao estrangeiro a realidade do que elle desejaria conhecer. É hypóthese que só raramente, e para um período relativamente curto, se dará; mas nada tem d'inverosimil, devendo pois ser tida em conta pelos que se interessem pelo assumpto.

Faltando, assim, elementos de correcção múltiplos, e alguns d'elles importantes, como se poderá affirmar, em consciência, que os effectivos a mobilisar em pé de guerra são taes ou quaes, com uma approximação que satisfaça uma intelligência adextrada em submitter á fieira as affirmações que se lhe façam? O auctor da *Geographia* de que temos tirado vários dados interessantes para este estudo, dá-nos a impressão de ser escriptor muito illustrado e de probidade indiscutivel. Pois, e embora o caso s'explique em parte por haver atrazo no livro em relação a factos militares de mais recente data, com certeza s'enganou nos effectivos que attribue aos exércitos das Potências europeias, a França só exceptuada talvez.<sup>15</sup> Mas não será esta inexactidão naturalissima? Quando mesmo nenhum Governo tenha interesse em frustrar intempestivas curiosidades

do estrangeiro, illudindo propositalmente o indagador, ou em impedir a divulgação do número real dos seus soldados. — as estações officiaes que poderiam dar informações com segurança limitam-se provavelmente a fornecer números redondos, extrahidos de mappas provisórios, sem quererem, ou sem poderem introduzir-lhes as correções a que alludimos, e ás quaes nos occorre accrescentar ainda a que resulta, no momento da mobilisação, da ausência, da enfermidade ou da morte de não poucos reservistas. E estamos suppondo, claro é, que o serviço de mobilisação está montado com a previdência e a minúcia requeridas para que não falte nada aos reservistas ao affluirem aos depósitos; para que alguns, se o telegramma que lêmos ha dias é exacto, não tenham de ser dispensados e de voltar para suas casas, por não haver armas sufficientes para lhes serem distribuídas. Com números brutos apenas, collidas de fonte nem sempre muito auctorizada, e sem nenhuma das correções a que, por alto, nos referimos, diga-nos qualquer dos leitores cultos de jornaes se é possível admittir sem reserva o valor dos effectivos que se tem attribuído aos contendores.

Poder-se-ha a isto replicar que são dispensaveis algumas das correções de que fallamos se o exército não absorver a totalidade da população masculina apurada annualmente para

o serviço. Para lhe computar os effectivos bastará que se conheça a composição das unidades, regimentos, batalhões, etc.; poisque deverá, na hypóthese, haver sempre um excedente de mancebos apurados sobre os contingentes pedidos, e possibilidade em cobrir o *deficit* accidental d'um anno qualquer com os excedentes dos annos successivamente anteriores. Sem dúvida, — se a lei militar é cumprida com rigor, e mesmo n'este caso, sómente para o cálculo dos effectivos em pé de paz; porque dos effectivos em pé de guerra é do mesmo modo indispensavel abater os ausentes, inhabilitados e fallecidos, e o número d'elles, se é de dous annos, por ex., o serviço activo, e o da primeira reserva cinco annos, ha de necessariamente desfalcar aquelles effectivos n'algumas dezenas de milhares, por certo, n'um exército como o francez, o russo ou o allemão. E é esta a mais favoravel das hypótheses para se fazer um cálculo razoavel d'effectivos.

Mas se o exército absorve, como na França, a totalidade da população varonil sujeita ao serviço militar? Além d'esta correcção, a introduzir em todos os casos para um soffrivel cómpnto dos effectivos de reserva, é incontestavel que se torna preciso fazer a que resulta dos que o apuramento annual, com razão ou sem ella, rejeitar. E a organização do exército, composição das unidades e estatística demo-



gráphica podem ser taes que o número absoluto dos recrutados, e o relativo dos apurados annualmente soffram variações consideraveis, ao menos tomando-se um período de tempo d'amplitude sufficiente para o exame da questão. Na França, por ex., o desenvolvimento demográphico é muito lento, nullo ás vezes, e outras substituído por um *deficit* de população; e apezar d'um bem-estar e de cuidados higiênicos crescentes, os inválidos para o serviço militar não são representados annualmente, crêmos nós, por um número relativo invariavel. De maneira que, se podemos estar seguros de que os effectivos em pé de paz poderão estar sempre d'accôrdo com o número fixado pela lei, já não o estaremos para os effectivos em pé de guerra. E é claro que os orçamentos, suppondo-os sempre a expressão franca e rigorosa dos factos, de nada nos serviriam para este último cálculo, porque os reservistas não são pagos, e por conseguinte não têm ahí que figurar.

Imaginemos agora a hypóthese de que um Governo qualquer julga necessário ou util sonegar ao estrangeiro o conhecimento dos effectivos do seu exército: — não haverá diversos expedientes orçamentários para realisar efficaçamente a sua intenção? E n'este caso, como poderá saber alguém, ainda que só com aproximação muito grosseira, os números que os



deverão exprimir, embora seja em pé de paz?

A conclusão, pois, a tirar d'estas observações, que não occorreriam apenas á massa desattenta da clientela dos jornaes, é que nenhum dado authêntico, de certeza irrefragavel, nos permite affirmar o valor dos effectivos que para ahi se viu abouados a cada uma das nações belligerantes ao estalar do conflicto, e que, muito provavelmente, os 8 milhões de Russos (alguns jornaes diziam 10) a despejar nos territórios da Allemanha e da Aústria-Hungria tinham tanta realidade como os 200:000 Belgas a sustar a torrente dos Teutões em sua casa.

Queiram dizer-nos então as pessoas de bom-senso se merecem o mínimo crédito os números que davam, segundo os jornaes, os effectivos n'este ou n'aquelle combate, em tal ou tal cêrco, praça ou posição fortificada? Só, por ex., no ataque recente d'Antuérpia se diziam empenhados, n'uma das versões telegraphadas, 300:000, n'outra 125:000 Allemães. E sabiam essas pessoas de bom senso que dentro da praça havia 8:000 marinheiros inglezes? Nem nós. Quantos Belgas a defendiam? Ignoramol-o. Não impedem, contudo, nem o silencio habitual dos jornaes sobre o número dos combatentes n'estas refregas parcellares, nem os números phantasiolos d'unidades como sejam os 225 navios inglezes e os 109 allemães na

gigantesca patranha naval do mar no Norte, em princípios d'agosto — estes precalços não impedem vários criticos de dissertar sobre estratégias e sobre a marcha ulterior do grande drama militar como se tivessem deante de si, na sua banca, todos os elementos essenciaes do problema, a começar pelos effectivos que as Potências têm concentrado, effectivamente, em cada uma das zonas locais em que se divide a immensa fronte de batalha.

E acêrca da qualidade — deixámos de lado a quantidade, evidentemente impossivel de saber — do armamento e munições, do alcance do tiro, do poder destructivo dos projecteis, — que informações seguras tinham, e têm hoje mesmo os chronistas da campanha? Pouco mais ou menos, as que teria um homem lido em assumptos d'essa especialidade ainda que não fosse um militar. Que a artilheria franceza era boa, e a artilheria allemã não era peste: com alguma minudência técnica, desconhecida pelos profanos, a este ou análogo juizo, deficiente e vago, se reduzia o conhecimento que talvez a maior parte dos escriptores especialistas possuíam d'esse instrumento d'aggressão quando traçavam as suas primeiras chónicas da guerra. Como seria offensa gratuita incluil-os n'aquelle vasto grupo de summidades portu-

guezas a quem o sr. José de Magalhães accusava, n'um dos seus artigos, de não terem *probidade professional* (*dignidade* era, se bem nos lembra — porque citamos de memória — o termo de que o sr. J. de Magalhães se servia), nada nos custa acreditar que já conhecessem as peças allemãs de 77<sup>mm</sup>, de 15 e de 21 centímetros (morteiro), e as francezas de 75<sup>mm</sup> em volta das quaes tão grande, e parece que justificada, celeuma se tem feito. Mas ouviriam fallar alguma vez nas grossas peças de 28 cm., e nos morteiros de 42, a que os últimos telegrammas, em particular os que davam conta da tomada do famoso campo entrincheirado d'Antuérpia, se referiam? O que lêmos a este propósito, n'um artigo que nos deu a impressão de ser feito por um official portuguez consciencioso e illustrado, em meados de setembro foi: que o maior calibre do material allemão de sítio eram «a peça e o obuz de 15 cm. e o morteiro de 21 para pequena distância e tiro curvo»; que «não constava terem os Allemães resolvido o problema», que andavam a estudar, «d'elevantar o calibre» dos canhões de sítio, de 20 a 26 cm.: que só por excepção e curiosidade disporiam d'uma ou d'outra peça de grosso calibre, como os «Francezes tambem possuíam alguns canhões de 22»; que as «balas de 400 k. de pêzo, usadas agora pelos Allemães, e a sua projecção a 15 km. de distância eram

lendas, exaggêros». E eis que a inexpugnável Antuérpia acaba de cair em poder dos sitiantes, e a nota official allemã relativa ao acontecimento affirma terem sido empregadas no ataque peças, para defeza de costas, cujo alcance vai a 14 km.; e já anteriormente jornaes inglezes e diversos telegrammas alludiam a formidaveis canhões de sitio de 28 cm., a morteiros de 42, e a terriveis projecteis de 1.<sup>m</sup>20 de comprimento. As «lendas e os exaggêros» vieram assim, ao que parece, a tornar-se uma cruel realidade; o que o citado articulista considerava uma excepção, a converter-se n'um instrumento habitual contra resistências superiores, isto é, irreductiveis pelos meios e recursos ordinários. D'aqui se collige pois, como, de resto, já anteriormente presentiam os que não têm o espirito obcecado por sectarismos de grupo nem preconceitos de classe, que os Allemães tinham, com effeito, resolvido o problema; que a sua artilheria grossa era muito superior á dos contrários; que nem d'outra maneira se tornava facil comprehender a destruição em poucos dias das praças de Liége e de Namur, com as cúpulas blindadas dos seus fortes, e da *fronte* do Norte na fronteira franco-belga; poisque a superioridade, só, dos effectivos dos assaltantes não bastava a explicita-a. Salvo — bem entendido — se a citada nota allemã não era authênica, nem verídica;

se nem authênticos nem verídicos eram também os telegrammas antecedentes que se referiam a essas peças e obuzes de calibre muito excedente ao conhecido, nem authêntico nem verídico o artigo d'um jornal inglez, de que deram traducções alguns dos nossos, cujo auctor se occupava do assumpto, e exprimia a esperança de poder a Inglaterra construir nos seus arsenaes esses engenhos de morte medeante algum modelo que fosse tomado ao inimigo. Mas estas supposições julgamos que nada têm de verosimeis.

Ora, se antes de se propalarem as notícias da existência d'esse material superior d'artilheira, confirmada agora por uma nota official que não foi contestada por documento d'origem igualmente fidedigna, os chronistas da campanha não possuíam um elemento fundamental para lhe apreciar os incidentes, que valor poderá revestir tudo, ou quasi, que se deram ao trabalho d'escrever? Não teria sido mais prudente esperarem por ampliações ou esclarecimentos a dados cuja deficiência, para uma interpretação accetavel dos primeiros episódios da lucta (o desmantelamento rápido das fortificações de Namur e Liège sobretudo) se tornou desde logo d'uma clareza que só um entendimento curto, ou de sectário, não veria, em vez de architectarem asserções gratuitas, muito mal entretecidas sobre informes manquejantes? E

agora mesmo que se tornou indubitavel, com a «reducção a montões de ruinas» dos fortes inexpugnaveis de Antuérpia, a realidade dos pavorosos engenhos destructivos, sabe alguém em Portugal onde está, precisamente, a sua indiscutivel efficácia, e de que modo produzem os efeitos que os telegrammas annunciam ?

Mas fica-se ainda um pouco longe de haver exgottado a lista dos recursos militares que seria indispensavel conhecer para se redigirem chónicas de campanha que fossem mais alguma cousa do que divagações imaginativas alinhavadas sobre receios ou esperanças, e com meia dúzia de factos *brutos*, incompletíssimos e geraes, por único alicerce positivo de tal qual estabilidade e resistência. Faltam na lista — para citarmos só os principaes — o valor estratégico das linhas férreas e respectivo material, e o conhecimento pormenorizado, no mesmo ponto de vista, do terreno em que as phases capitaes da lucta decorreram. Uma boa carta dá a rêde ferro viária, não ha dúvida. É assim que sabemos que são completas, ou pelo menos das melhores, as da França, Allemanha e Bélgica; e o mesmo acontece com a das estradas, e com a dos canaes em determinadas regiões. O problema das communicações, essencial á intelligência cabal das operações dos exércitos



em lucta e intimamente ligado à «sciência das marchas», na phrase do critico da *«Revue scientifique»*, a primeira das sciências que a um «homem de guerra» importa possuir, já reconhece ali um elemento importante que o ajude a resolver em casos concretos que se forem apresentando. Mas só em parte, e bastante imperfeitamente para um dos dous exércitos; porque o material próprio para evoluções e necessidades tácticas e estratégicas, não o dá nenhuma carta: porque a rêde pode ser destruída em qualquer ponto, e o material retirado para onde não sirva ao inimigo, como fizeram os Belgas remettendo-o para França; porque o inimigo o pode substituir, e a poderá ás vezes reparar, ou construir mesmo alguma onde melhor lhe convenha. De maneira que uma carta só nos poderá dizer, em rigor, se uma rêde ferroviária, por ex. na fronteira, favorece ou embaraça a execução d'um plano offensivo, ou defensivo, suppondo-se facilmente que o material é sufficiente para o intuito; e no caso d'uma invasão, como agora, se o exército na defensiva dispõe atraz de si dos meios para, depressa e em ordem, se garantir uma retirada, as communições entre as unidades, grandes e pequenas, que o formam, a evacuação dos seus feridos e doentes, a affluência de reservas e reforços, o deslocamento de tropas na sua linha de batalha, a chegada de material de guerra, de mu-

nições e provisões. O que não diz é se o invasor se pode garantir, pela inutilisação provavel d'esses meios de transporte pelo inimigo, um systema de communicações equivalente, ou muito ou pouco menos perfeito e cómodo, ao de que está gozando o invadido. Assim é que, e embora a esse respeito se calassem as notícias que successivamente nos resumiam os recontros entre invasores e invadidos, podemos adquirir a certeza, olhando a carta, de que os Belgas tiveram na sua rêde ferroviária um auxiliar excellente para a sua retirada, da frente Liège-Namur, sobre Antuérpia, e sobre Ostende ao sahirem d'esta praça. Certos ficamos ainda de que outro tanto se deu com os Anglo-francezes ao retrogradarem da fronteira até ao Marne, e no seu consecutivo investimento contra os Allemães antes e depois de fortificados ao longo do Aisne e do Oise, e continua a dar-se, nas tentativas reiteradas da sua ala esquerda pra rechaçar ou envolver a direita do inimigo, prolongada, segundo parece, desde o Oise até ao Lys. Tendo, porém, os Belgas expedido para a França os seus wagons e locomotivas, e certamente inutilizado as linhas férreas que iam deixando atraz de si, e tomado eguaes precauções os Francezes desde a batalha de Mons-Charleroi, — que partido conseguiriam tirar os Allemães do resto das linhas e do material circulante que os Alliados

não tivessem tempo de retirar e destruir? Repararam os troços de via e uma ou outra obra d'arte destruídos? Mandaram vir wagons e locomotivas da Allemanha? Construíram qual-quer linha nova de que absolutamente precisassem, conforme um telegramma dava a entender, a propósito d'um *raid* da cavallaria franceza para além do rio Somme? Como organizaram os Allemães, emfim, o seu systema de communicações desde o principio da invasão, e sobretudo desde que lançaram raízes entre o Oise e o Mosa, quando parece não terem muito a aproveitar do systema de que os Alliados se serviram? Outras tantas perguntas sem resposta. Umas vezes, somos levados a crêr que o seu actual systema de communicações é não só difficil mas precário, lendo (em telegramma de origem franceza) que a transferência de forças, da ala esquerda para a direita, isto é, da Lorena para o Oise, se fazia pelo caminho de ferro com passagem obrigatória por Liège. Mas com frequênciam se nos affigura tambem que são faceis, attendendo aos telegrammas que annunciavam contínuos deslocamentos de tropas allemãs d'esta para aquella zona entre os dous rios citados acima, e tendo em conta que os ataques repetidos dos Alliados, durante mais de quinze dias, contra os entrincheiramentos levantados á pressa desde o Oise até Argonne encontravam resistênciam

proporcionada aos effectivos aggressores reforçados: por conseguinte indicavam a existência de communicações rápidas e seguras entre os pontos alvejados. Se os Francezes, como tudo nos leva a presumir, tiveram a precaução de subtrahir ao inimigo, em toda a região agora occupada por elle, material ferroviário, de levantar carris, de fazer voar pontes e viaductos, de desorganisar, emfim, o mais possivel o seu complicado e magnífico systema de transporte accelerado,—como se arranjariam os Allemães para o reorganisarem com a efficácia e presteza que esses e outros factos nos compellem a induzir? Sabel-o-hão os chronistas da campanha? Talvez: visto que os seus livros técnicos deverão, julgamos, expôr e discutir os meios de remedear um incidente frívolo da guerra. Nós é que, em todo o caso, não o sabemos; e agradeceríamos sinceramente os esclarecimentos que os críticos tivessem a longanimidade de nos dar sobre uma das mais interessantes incógnitas do problema estratégico e tático que a obstinada resistência tudesca no Aisne vem formulando a todos os espiritos curiosos. E ainda assim, quem os poderia assegurar de que os meios indicados nas obras da especialidade foram, exactamente, os que o inimigo empregou para manter a unidade e a integridade de toda a sua frente de batalha, e para a ligar solidamente ás po-

sições e ás forças que, no seu movimento offensivo, foi deixando á rectaguarda?

E os canaes, que se multiplicam em toda a Flandres belga e por todo o norte e leste da França, que papel terão desempenhado n'esta guerra?

Escreven-se ahi, por ex., que Antuérpia era inconquistavel pelo motivo, além d'outros, de ser de prompto inundavel o território circumvisinho, graças precisamente á profusão d'esses canaes. Que a prenunciada inundação não impediu os Allemães de entrarem n'ella, é que os factos provaram. Mas chegaria a ser posto em prática esse presumido, e tão facil de resto, processo de defeza? E o território do norte e do leste da França será tambem susceptivel, por essa mesma abundância de canaes em solos razos, de ser inundavel pelo menos quanto baste a embaraçar os movimentos do inimigo? Ahi temos novas questões em que desejaríamos vêr os chrouistas da guerra mostrar que as têm profundamente examinado. Mas, se nenhuma luz vêem derramando sobre ellas, como não qualificar de phantasia pura as suas críticas?

Particularidades que assignalam o terreno, muito diversificado com certeza, em que têm

sido feridos os recontros, sequer os de maior influênciã na marcha ulterior das operações, e na realisação d'objectivos parciaes: eis outro ponto quasi completamente, ou mesmo totalmente desconhecido, apezar de transcendente, como s'exprimem os Hespanhoes, para se formar ideia justa do alcance d'esses recontros, e das aptidões dos combatentes. Não existe carta (a não ser a do Estado maior, cuidamos nós) que nol-as diga; nem tampouco, cuidamos tambem, tratadista especial que as dê, pela razão simples, entre muitas, de que o theatro da lucta não estava predeterminado para nenhum d'elles, nem, que estivesse, seria assumpto que fossem escolher para dissertações intempestivas. Esses tratadistas, lá fóra, têm um pouco mais de providência, não obstante um ou outro exemplo de loquacidade inopportuna, do que a nós, tagarelas incorrigiveis, se nos antolha. Os próprios livros de geographia, os mais pormenorizados e conscienciosos, são soffrivelmente sóbrios na matéria. No que nos vem servindo para este breve estudo, por ex., lê-se apenas que ha terrenos apaúlados nas Ardennas e na Flandres fanceza (extremo norte da fronteira); que esses tractos do solo alagadiços ou húmidos, prestando-se mal, por isso, a evoluções e movimentos militares, constituem com outros incidentes topográphicos um embaraço, para invasores vindos do Luxem-



burgo, maior do que os fortes existentes n'essa zona; e que na Flandres, por todo o intervallo que separa Lille de Dunkerque, são elles até o obstáculo único que os invasores encontrariam. Deparando hontem (14 d'outubro) com a notícia de ter sido aquella praça de guerra conquistada por um corpo d'exército allemão, o facto militar de mais vulto occorrido após a tomada (em 9) d'Antuérpia, occorren-nos á memória a informação do nosso geógrapho relativa ás características do terreno que d'ahi se alarga até Dunkerque, e a pergunta espontânea — se este pedaço de terra franceza, principalmente agora que o inverno se aproxima, e já não deve ter calido pouca chuva, não seria óbice insuperavel á conquista d'est'outra praça de guerra, dominando ao mesmo tempo a fronteira terrestre e um lanço consideravel da costa que se prolonga até Calais? É um terreno alagadiço e facilmente inundavel: assevera o nosso auctor. Parece pois constituir barreira intransponivel; e ser a cidade pois inconquistavel, desde que o mar está na posse dos Alliados. Curioso comprovar, d'aqui a mais ou menos dias, se os Allemães conseguirão dar-lhe o destino d'Antuérpia.

E é este um dos esclarecimentos mais precisos que s'encontra na mencionada obra. Os restantes não vão além das generalidades do costume: planície, raza ou com ondulações de

tal ou tal cota média; collinas ou montanhas d'esta ou d'aquella altitude, arborizadas ou despidas, d'encosta suave ou abrupta; desfiladeiros e chapadas; valles apertados ou abertos; estructura e producções, e mais algum traço a registrar. Interessante sem dúvida, imprescindível até para que se possa acompanhar com intelligência a marcha dos acontecimentos militares. — tudo isto; mas tambem não ha dúvida em que tudo isto não basta para visionarmos com justeza qualquer dos seus episódios concretos, bem definidos, bem destacados no conjuncto. Pelo que nos toca, nunca nos foi possível representar no espirito um só d'entr'elles, não obstante a consulta de mappas, a reminiscência de leituras velhas e recentes, e a leitura attenta de telegrammas assim como d'informes e d'impressões de jornalistas estrangeiros, experimentadas e colhidos, por assim dizer, em flagrante. Era-nos preciso *vêr* tambem, era-nos indispensavel *assistir*, para termos d'um certo episódio da lucta uma ideia e uma imagem bastante nitidas e fieis para sôbre elle conseguirmos então raciocinar, com alguma confiança na validez do juizo a emittir acêrca do papel das forças e dos personagens que tomaram parte n'elle. Ha quem de longe esmince o quadro, segundo parece; não temos essa agudeza aquilina de visão.

A quem não surprehenderia, por ex., a sin-

gular celeridade com que o exército allemão lançou raizes, para nos servirmos da expressão de *ha ponce*, na margem direita do Aisne ao retirar d'aquém do Marne? Ao menos a nós, o facto de resistência tão firme após um revez que se affigurou decisivo aos olhos de muita gente, incluindo alguns dos chronistas da campanha, causou uma vivíssima estranheza. Teriam affluído reforços sufficientes para sustar a offensiva dos Alliados? Teria intervindo material de guerra mais poderoso do que o empregado até então? A manutenção inabalavel do inimigo nas novas posições occupadas representaria apenas um *tour de force*, como dizem os Francezes, necessário para restabelecer a ordem nas fileiras, compromettida talvez pela retirada — *debandada* e *fuga*, lhe chamaram alguns d'esses atilados chronistas — das posições attingidas no dia 4 de setembro, e para assegurar o recuo progressivo pelo menos até á fronteira franco-belga (ou á linha Liège-Namur), conforme tambem diziam esses auctorisados escriptores nos seus artigos?

Fizemos, enfim, toda a espécie de conjecturas, sem esquecer a da nota ingleza, já citada, de tudo se ter reduzido a uma alteração do plano primitivo do invasor, que um erro qualquer d'execução desconhecido, talvez o inéxito do movimento visando a envolver a esquerda dos Alliados (senão a separar Ingle-

zes de Francezes), talvez a massa inesperada de tropas que estes houvessem conseguido concentrar na margem esquerda do Marne, e certamente o famoso compromisso de Londres (de 6 de setembro) entre as Potências da *Triple-entente*, aconselharam ou impozeram aos Alemães. Todas as conjecturas esboçamos, excepto aquella que precisamente, a crêmos o que um jornalista estrangeiro affirmava depois, era verídica, ou constituira, no emtanto, a explicação mais plausível da notavel e efficaz rapidez com que o invasor annullou as vantagens obtidas pelos Franco-inglezes. Alludimos ás celebres pedreiras do Aisne, talhadas com antecedência para o effeito, isto é, na previsão d'um movimento de retrogradação na offensiva; como as não menos celebres plataformas de cimento, d'antemão preparadas para receberem os pezados canhões de sítio, de que tambem jornaes estrangeiros deram conta, nos vieram explicar a facilidade relativa com que Maubeuge, uma das mais sólidas praças de guerra francezas, se rendeu ao inimigo.<sup>16</sup> Com a perícia, com a superioridade técnica do Alemão, com a intelligência exercitada e o saber minucioso e previdente da sua engenharia militar, contávamos nós: para as fazer entrar na apreciação justa de tantos incidentes curiosos, de tantas proezas imprevistas que assignalam esta guerra, bastaria não ser um ignorante.

Só quem por completo ignora, com effeito, as qualidades fundamentaes que a distinguem da intelligência latina, e as particularidades que lhe caracterisam o saber, é que poderia qualificar o Allemão de imprevidente ou d'estúpido. Com que não contávamos porém, como de certo não contava o nosso professional mais instruído, era com determinadas circumstâncias do solo, com dispositivos quaesquer do terreno, naturaes ou intencionalmente aproveitados com intuitos militares. E como poderia contar alguém, se carta alguma os indicava, se os próprios Francezes, directamente interessados em os conhecer, e os introduzir pois nos seus planos, parece que tambem de todo os ignoravam?

Prescindamos já d'este exemplo, no qual a imprevisão d'um chronista estrangeiro, e até a despreocupação dos Francezes têm desculpa. Não restarão ainda mais do que um episodio que só a familiarisação minudente com a estructura e forma do terreno em que se deram tornaria correctamente comprehendidos? Ainda hontem, por ex., líamos que um junçal adjacente ao Ourcq (affluente do Oise, perto e ao norte de Paris), sêco durante o estio, apto porconsequinte para trilho de viaturas e cavallos, se convertera quasi de repente, por uma chuva torrencial inesperada, n'um vasto charco onde uma boa parte da artilheria

allemã se atolou e perdeu, e a infantaria mesma correu grave perigo de ser exterminada. O episódio — devemos confessal-o francamente — pareceu-nos revestir um ar de lenda, ou pelo menos estar consideravelmente exaggerado: primeiro, porque uma chuva torrencial nos nossos climas, e julgamos até que nos climas tropicaes, não sobrevivem nunca de repente, sem alguns signaes que a prenunciam; depois, porque não é provavel que o commando allemão ignorasse ou esquecesse um facto meteorológico vulgar, a natureza apaúlada do terreno, e a possibilidade consequente da occorrência relatada pelos jornaes; finalmente, porque, suppondo que uma necessidade imperiosa de tática o compellisse a encobrir forças no juncal, é pouco ou nada crível que incluisse entr'ellas artilheria, e se incluiu, não tomasse as suas disposições para a retirar depressa d'um local tão palpavelmente traiçoeiro.

Quando, porém, fosse litteralmente fidedigno, o episódio narrado viria justificar o que dizemos, isto é, demonstrar a impossibilidade de fazer narrativas da campanha, e criticas ainda menos, desconhecendo-se um dos elementos essenciaes, como seja o terreno, á simples comprehensão das operações que se pretende narrar ou criticar. E como esse desconhecimento é pouco menos de total, para nós que estamos longe, e só temos á mão cartas com-



muns e obras especiaes com informações deficientes, d'uma penúria verdadeiramente franciscana n'esse e n'outros pontos bazilares para assentar opinião, veja agora todo o homem reflexivo o crédito que nos podem merecer tantos juizos diariamente buzinados sobre a guerra, para não fallarmos dos vaticínios seguros que se não hesita em fazer sobre o desfecho que terá.

Mas alguns d'esses homens reflexivos, rebeldes por temperamento e educação, como nós, a sectarismos partidários, a preconceitos de doutrina, e a obsediantes paixões de character individual ou collectivo, perguntarão talvez porque estamos gastando tempo com observações elementares, d'uma evidência tal que só um cego d'entendimento será incapaz de admittir; e outros perguntarão em que termos quereríamos nós que os nossos chronicistas da guerra se desempenhassem da tarefa.

Aos primeiros respondemos que a «espessura da ignorância lusitana» (a phrase é d'um articulista do «*Standard*», segundo o nosso Eça de Queiroz) é insondavel; de sorte que muitas verdades que parecem evidentes para um escol são authênticas novidades — que dizemos? parecerão até heresias para a grande maioria das pessoas que lêem regularmente jornaes, sem excluir um razoavel número d'ellas

que fizeram os seus estudos nas escolas, e podem abonar a sua illustração com um diploma. Para um público d'estes, não é nunca extemporâneo arriscar-se, quem tem por modo de vida escrever, a reproduzir banalidades correntias fóra d'este primitivo, atrazadissimo e archaico torrão peninsular. Não nos devemos illudir nem com os ares de competência que assumem entre nós certos profissionaes com invejavel desenvoltura, nem com a superioridade scéptica que vária gente fina tem furor em ostentar sempre que um assumpto difficil se torna a preocupação de cada dia. Esta pseudo-superioridade dos scépticos vale o mesmo que a pseudo-competência de muitos profissionaes e entendidos; são modos, aspectos diversos de traduzir a mesma incapacidade originária. Entre nós — forçoso é reconhecer-se — ou se não raciocina — e é o que se dá com quasi todos, ou se raciocina muito mal — e é o que succede com os chamados intelligentes, com os que são tidos até por talentos, pelo menos no circulo de admiradores que os lisongeia e os applande. «Em Portugal — era a opinião de M. Bento de Souza — toda a sciência é leitura», ao que se deve acrescentar que «toda a leitura é mal feita» por carência de conhecimentos positivos, de habitos d'observação proseguida e desinteressada, e d'aptidões e disciplina lógicas da intelligência, distincta ou

regular, que a Natureza conferiu a cada um de nós. Na linguagem vulgar, e na vulgar apreciação, o que se chama aqui um homem de talento não passa, em regra, d'um catálogo de livraria deambulando sobre dous pés, ou d'um verborrheico alinhando phrases em que mal affloram um raciocínio e uma ideia, ou d'um *ergoteur*, raras vezes subtil e sempre esteril, dissertando sobre tudo, o que sabe e o que não sabe, por tendência a discutir, por mania de contradizer, por vaidade em exhibir a sua agudeza espirital, pela preocupação constante, sobretudo, d'encobrir a sua orgânica, profunda, afflictiva impotência para crear, para inventar, para construir, para coordenar, sequer, n'um quadro abstracto ou n'um plano que mire um fim concreto, os materiaes que de múltiplas e indigestas leituras collheu. Ha tres mezes que arde a guerra na Europa, e já lançou na Ásia, na Oceania e na Africa algumas chispas; afóra meia dúzia d'estudiosos, é positivo que ninguem sabia em Portugal, ha tres mezes, a menor palavra do que no estrangeiro se chama diplomacia e estratégia, como nem da história e geographia das nações directamente engrenadas no tremendo conflicto; e ha, comtudo, os mesmos tres mezes que vários phinitivos encyclopédicos discreteiam nos jornaes, acêrca d'elle, com a proficiência d'estrategistas consummados, e com a penetração de diplomatas encanecidos nos negó-

eios. Não será, pois, inteiramente fóra de propósito que alguém, que não é general nem quereria ser diplomata, opponha com singeleza as suas dúvidas a tantas afirmações d'estrategistas improvisados, e os seus embargos a tantas sentenças de diplomatas adventícios. Figuramos na vasta galeria dos espectadores e dos ouvintes; achamos bem que cada actor, ou comparsa, venha ao palco declamar o seu papel; mas conceder-nos-hão o direito de lhes negar o nosso applauso, e d'exprimir modestamente as razões por que julgamos não dever arranchar com o auditório. Somos um pouco exigente em matéria de gôsto; nem todos os comediantes, por isso, nos agradam. Somos um pouco severo na avaliação dos argumentos adduzidos; nem toda a rhetórica, pois, nos persuade.

Respondemos aos segundos que desejaríamos vêr os nossos chronistas da guerra limitarem as suas reflexões ao que notícias authenticas, e devidamente confirmadas, auctorisam a crêr que succedeu; e no caso de lacunas ou deficiência nos informes, de se restringirem ao debate de questões d'ordem geral, como sejam as de mobilisação, do valor offensivo e defensivo das praças e posições fortificadas, do papel que na lueta desempenham as differentes armas, da possibilidade de imprimir hoje unidade às grandes massas que

operam n'uma extensissima fronte de batalha, das razões por que os Allemães prefeririam a invasão indirecta da França pela Bélgica, em vez da invasão immediata pela Alsácia e a Lorena, e por que os Francezes parece terem de pressa desistido da que principiam a pôr em execução pela Alta-Alsácia, — além d'outras, que os seus conhecimentos especiaes lhes permittiam debater para instrucção de todos nós. Quereríamos vê-los, enfim, tractar estas questões interessantíssimas, além d'essenciaes para a comprehensão dos acontecimentos que o telégrapho viesse annunciando, como lá fóra — passe este argumento do exemplo extranho, decisivo para intelligências portuguezas — como lá fóra as costumam discutir os seus collegas militares. Uma discussão destas é possível que não agradasse, por não ser talvez bem entendida, á maioria dos leitores de jornaes; mas agradaria, com certeza, á minoria que reflecte um pouco no que lê, e que constitue, verdadeiramente, a única opinião pública com pêzo attendivel na balança. Não é mesmo impossivel que a própria maioria da clientela jornalística algum proveito retirasse d'essas chónicas, escriptas com imparcialidade e com intervallos sufficientes para não fatigar essa categoria de leitores. O assumpto é palpitante, como se costuma dizer, e apesar de algumas particularidades mais técnicas, não se pode

chamar abstruso, nem tampouco transcendente. Exposto n'uma prosa clara e simples, muitos d'elles, certamente, o entenderão. Téem, pois, os criticos a palavra.

Resumindo as observações que acabamos de fazer:

Se não temos aqui, em Portugal, elementos bastantes para uma apreciação accitavel da maior parte dos episódios militares a que o télégrapho se tem referido; se não conhecemos os effectivos, parciaes e de conjuncto, no começo e n'uma phase determinada do conflicto; se o material de campanha nos é, em grande parte, desconhecido; se não sabemos as perdas *in-totum*, incluíndo pois doentes e prisioneiros, que os belligerantes téem soffrido; se ignoramos, n'um dado momento, o systema completo de transporte, acelerado sobretudo, e em geral de communicações entre as zonas da linha de batalha, e entre esta linha e as regiões já occupadas pelo exército invasor; se estamos ainda menos adeantados acêrca da configuração, estructura e outras características do terreno em que se téem ferido os recontros principaes; se a própria chronologia d'elles é incerta em vários casos; se as noticias telegraphadas são, em regra, insufficientes, obscuras e palpavelmente tendenciosas, e os artigos dos



jornaes estrangeiros, traduzidos pelos nossos, enfermam do mesmo vício tendencioso; se os nossos jornaes, pelo que julgamos deprender de palavras e de phrases que não têm nada de portuguezas, decalcam as suas chônicas da guerra sobre as que os seus collegas estrangeiros publicam; se as notas officiaes, única documentação fidedigna para se avaliar com justeza dos successos militares sobrevindos, são quasi sempre omissas, sempre demasiado lacônicas quando não sejam obscuras, deixam entrevêr às vezes reticências, e não deixam, embora raramente, de conter uma outra contradicção, <sup>17</sup> — é claríssima a impossibilidade de redigir com probidade chônicas diárias da guerra, e até mesmo semanaes. Attendendo á falta frequente de movimentos inportantes dos exércitos e á consecutiva insignificância das notas officiaes e officiosas, não podem essas chônicas deixar de se resolverem, como realmente se resolvem, em phantasias sem valor, em defeza interesseira ou apaixonada d'uma opinião preconcebida, em manifestação impertinente de vaidade, n'um simples *estender de massa* para satisfazer a galeria.

E ainda que os chronistas pozessem na publicação dos seus arrazoados um intervallo de pelo menos quinze dias, como os elementos de que dispõem para os redigir seriam sempre necessariamente incompletos, não pode-

riam ir n'elles muito além d'um registo dos acontecimentos que se vão desenrolando, e d'uma ou d'outra inferência mais provavel acêrca dos objectivos parciaes que se propõem estas ou aquellas forças belligerantes. Poderiam talvez ainda induzir das posições occupadas successivamente por essas forças, porconsequente da evolução o movimento geral da linha de batallia, o plano estratégico a que parece obedecer esse movimento de conjuncto. Mas é este o máximo de previsão e de critica defensaveis que lhes seria dado attingir, sem o inconveniente de serem a cada passo desmentidos por successos ulteriores, conforme se tem notado, com effeito, para quasi todos esses pretendidos commentários da guerra, insertos por desastrados profissionaes, crêmos nós, nos jornaes portuguezes de melhor crédito e de maior circulação. Chega a ser lástima vêr tão intenso esforço mental e tão consideravel dispêndio d'erudição técnica resolverem-se, afinal, em erros, com perdão de quem os subscreve, de palmatória. Não são poucas, nem insignificantes, as illusões grosseiras em que vários d'elles têm cahido — o que, aliás, não os impede de prosequir, com intrepidez invejavel, na reedição da monótona cantata.

Não sendo nós um profissionall das armas, não tendo sequer os conhecimentos técnicos, dos que una pessoa de tal qual intelligên-

cia e illustração pode assimilar, sufficientes para lentar uma exposição d'episódios guerreiros sem risco de incorrerem na censura de ignorantismo e pedantismo, só nos restava formular singelamente, como até aqui temos feito, as nossas dúvidas sobre o que vêem affirmando alguns d'esses chronistas da guerra, e ministrar ao leitor curioso, e como nós extranho a estratégias e a tácticas, alguns dados e reflexões uteis á comprehensão do conflicto, e que de ninguem reclamam uma cultura especial. É o que vamos fazer agora, reatando o fio que a digressão precedente, um tanto enfiadonha talvez mas opportuna, interrompeu.

Fallando da frente do Norte, esqueceu-nos informar de que a praça de Lille, que constituía o extremo noroeste d'essa frente, é de todas ellas, no testemunho do nosso auctor, a «que tem propriedades offensivas mais extensas». Suppomos que fosse intento seu dizer com isto que, além de defendida por mais numerosa guarnição do que Maubeuge, é exteriormente protegida por maior número de fortes, e situados a distância superior á dos fortes

desta praça, pelo menos na direcção do N. O., do lado do rio Lys, affluente do Escalda. A avaliar pela carta que temos á vista, dous ou tres d'elles deverão estar a uns 10 km. da praça, e a outros 10, em média, do primeiro d'estes rios. Se era verídico m dos telegrammas recebidos ultimamente, a guarnição não seria inferior a 10:000 homens, por tantos serem os Francezes que a defendiam contra o corpo d'exército allemão que a atacava, e d'ella acabou por tomar posse. Talvez até seria superior; não só porque é possível ter sido attenuado na notícia aquelle número dos defensores, de maneira a tornar mais comprehensivel o revez, mas por se ter contado, segundo parece, com a sua intervenção activa na batalha de Mons-Charleroi, e não ser provavel que 10 mil homens, se tal fosse apenas o total das forças n'ella concentradas, representassem um auxilio de grande pêzo á massa do exército alliado que se bateu n'esta região da Bélgica, de 23 a 24 d'agosto. Os fortes de cintura, uns 9 ou 10, não sabemos — se é que reconheciam, de facto, aquellas «propriedades offensivas», quer dizer, se possuíam artilheria bastante poderosa, guarnições bastante elevadas, e obras de protecção bastante efficazes, — não sabemos como cahiram tão depressa em poder dos Allemães. Tão depressa, — porque a conquista da praça, posterior á d'Antuérpia, parece ter sido quasi ful-

minante, e não constar da noticia telegráphica a resalva, tão insistentemente repetida nas que se referiam a Liège, de que «os fortes continuavam a resistir heroicamente». Como os Francezes não são, com toda a certeza, inferiores aos Belgas em heroísmo, e pensamos que lhes são um tudo nada superiores em educação e dotes militares, não deixa de ser exquisito que a lendária resistênciã de Liège se não repetisse em Lille, nem anteriormente em Maubeuge, todas tres equiparaveis na solidez da construeção e no aperfeiçoamento dos recursos defensivos, e Lille talvez superior a qualquer d'ellas e a Namur pela extensão do recinto fortificado e pelas suas qualidades offensivas de que falla o géographo francez.

Como quer que seja, a mais consideravel praça forte da *fronte* do Norte cahiu em poder dos Allemães, que, segundo telegrammas recebidos já desde 17 d'este mez, se apossaram egualmente d'Ostende, sem que o exército anglo-belga que se acolhera a este porto na sua retirada d'Antuérpia, nem a esquadra ingleza ali ancorada desde muito, pudessem repellir os invasores. O resto da fronteira nordeste franceza até ao mar, uns 70 km. no máximo, fica pois aberta á invasão, — a não ser que a frustrem os «terrenos pantanosos e facilmente inundaveis» que constituem, no dizer do nosso géographo, esta passagem (*trouée*) desprovida de quaes-

quer obras defensivas, e as forças alliadas que estão operando n'ella actualmente. Inutil fazer notar que a presença d'Anglo-francezes n'esta zona fronteira se concilia mal com a inaptidão do terreno para movimentos militares. Se estas evoluções, porém, são reaes, como os telegrammas affirmam, também n'essa faixa da fronteira devem poder evolucionar os Allemães; e n'este caso, os impedimentos naturaes e artificiaes (inundações provocadas) de que falla o nosso auctor, não valerão muito mais talvez, contra uma offensiva inimiga, do que valeram antes os baixos alagadiços das Ardenas, ou os arredores inundaveis d'Antuérpia. Que demorem uma investida allemã, é de suppôr; o que não parece crível, se as notícias recentes são exactas, é que a possam suspender, nem mesmo talvez embaraçar apreciavelmente, pelo menos nos tractos do solo que não offereçam esse character paludoso. Do lado de Lille, como do lado do mar, quando não em mais do que um dos pontos intermédios, o terreno, ou naturalmente ou por dispositivos apropriados, tem provavelmente a secura e a solidez precisas para manobras militares, e é positivo que o sulcam não poucas estradas e algumas linhas férreas. Pelo menos, é d'este modo que se torna possível comprehender os recontros effectuados ao longo da margem esquerda do Lys até Ipres, (ha dias occupada pelos Francezes) e a marcha



progressiva dos Allemães desde Ostende para Nieuport, com o objectivo provavel de se apoderarem de Dunkerque.

Este porto, como o de Calais, distante uns 40 km. do primeiro, com a posição de Gravelines intermédia, e quasi equidistante d'uma e d'outra cidades marítimas, e com os fortes que as protegem (entre os quaes avulta o de Bergues, ao sul e a uns 15 km. de Dunkerque), afóra as baterias de costa que ligam as tres praças entre si, constituem o que o nosso auctor denomina a «ala esquerda» da *fronte* do Norte já descripta. «A importância d'este centro de resistência», nas suas próprias expressões, vêr-se-ha, provavelmente dentro em dias, se os Allemães têm por intuito immediato reduzi-lo, e os seus progressos na invasão se aferirem pelos que realisaram no noroeste da Bélgica, última região d'este paiz que lhes restava conquistar consecutivamente á tomada d'Antuérpia. E vêr-se-ha tambem a energia e a habilidade do exército Anglo-franco-belga em cobrir essa preciosa ala defensiva da França contra a tentativa audaz do inimigo. A redução da ala toda até Calais depende, julgamos, da redução preliminar de Dunkerque e da linha dos fortes que s'estende para o sul até ao de Bergues. Reduzida essa ala, Boulogne-sur-mer, a uns 30 km. a S. S. O. de Calais, será facilmente dominada; e o lanço da costa, correndo direita para o

sul até Abbeville, d'uns 75 km. d'extensão, experimentar-se-á de certo a mesma sorte. Se acontecimentos ulteriores vierem justificar a conjectura, e os Allemães mantiverem, como até aqui, a linha do Alto Somme e do alto Escalda, com a que vai d'este rio até Lille (por Arras), e nada auctorisa a suppôr que não mantenham, a situação dos Alliados na zona do território francez assim delimitada pode tornar-se difficilima; e não muito agradavel a de Londres, e em geral do território inglez que lhe fica a sul e sueste. Se os aviadores britânnicos installados em Antuérpia puderam mais d'uma vez bombardear os *zeppelins* nos *hangars* de Dusseldorf, a uns 165 km. d'aquelle campo entriucheirado, com a mesma ou ajuda maior facilidade poderão os dirigiveis allemães bombardear Londres, distante uns 150 km. de Calais, Cantorbéry, Brighton, Dover, e outras cidades e portos do sueste da Inglaterra. A sua defeza marítima pode ser tambem seriamente ameaçada; porque, emfim, o estreito de Calais não ultrapassa a largura de 40 km., pouco mais ou menos a distância entre os portos de Calais e Dunkerque (ou entre este porto e o d'Ostende); porque a sua profundeza, sobretudo do lado da costa de França, não é grande; porque não está provado ainda que as suas fortificações sejam invulneraveis, nem indestructiveis os seus cruzadores e *dreadnoughts*; e por-

que nesta guerra todas as surpresas devem ser esperadas, e temidas.

E a situação dos Alliados pode tornar-se muito crítica, na hypóthese de os Allemães descerem de Boulogne, sem obstáculo, ao baixo Somme; porque a zona do território francez delimitada como acima ficou dito, não garantirá talvez a liberdade dos movimentos a um exército numeroso, empachado além d'isso por grosso material de guerra e por bagagens, perseguido por outro, não de certo inferior sob qualquer ponto de vista, apoiado em tres fortes bazes d'operações, — e tendo apenas, para retirar em boa ordem, uma linha d'uns 120 km. de largo, se a tiver, se o inimigo lh'a não reduzir a metade ou ainda a menos.

Que o receio inglez perante a inicial audácia aggressiva dos Allemães, e agora diante dos progressos que vem fazendo desde a tomada d'Antuérpia, é real e promette converter-se em inquietação, demonstram-n'o á evidência uma série de resoluções e d'incidentes que não é esta a occasião d'esmiuçar. Quanto á ala esquerda do exército alliado parece, pelas notícias recentemente transmittidas, que conserva intacta a sua confiança no éxito do objectivo ou objectivos que se tem proposto desde o Marne. Como insistimos em ignorar qual ou quaes objectivos fossem esses, apesar de nos garantirem os nossos chronistas dos jornaes

que era o envolvimento da ala direita allemã (e um d'elles que era o aprisionamento em massa do exército invasor; em Reims, dentro d'um círculo em que essa ala e a direita o iam encerrar em poucos dias), ignoramos tambem sobre que dados e reflexões assenta essa confiança que os telegrammas lhe attribuem. No entanto, é de suppor que sobre algum fundamento sólido se apoia; de sorte que a previsão acima annunciada não passa d'uma conjectura pessimista a que motivo algum sério presta a mais leve probabilidade, — nem sequer a mais remota. Esperemos pois; até ao fim d'este mez, ou meados do seguinte o mais tardar, novas noticias dirão o que devemos pensar a tal respeito. O que poderá tranquillisar os innumeraveis adeptos com que entre nós é positivo contarem os Alliados, no caso d'um possível revez da ala esquerda, vem a ser, além da já reconhecida capacidade dos chefes e da valentia dos soldados, o magnífico systema ferroviário de que a França dispõe n'esta região septemtrional do território, se Joffre o não mandou desorganisar parcialmente na sua retirada da fronteira. Nem teríamos formulado quaesquer apprehensões acêrca do desenlace do duello que se vem travando n'elle se não as tivesse suggerido a leitura dos artigos da «*Revue Scientifique*» sobre a guerra de 77 entre a Rússia e a Turquia, a que já tivemos occasião de nos referir.

Lemos n'um desses artigos, com effeito, que «um corpo d'exercito, sem o seu *gros train*, exige mais de 50 km. para marchar em boa ordem n'uma estrada excellente, homens e cavalos quatro a quatro, viaturas duas a duas»; mas — convem notar — sem o que o auctor anónimo chama o seu *gros train*. Com elle, — quantos kilómetros exigirá um corpo d'exército, cujo effectivo se deverá calcular, no caso sujeito, em 40:000 homens, afóra as correspondentes viaturas e cavalos? E claro está que o «escuamento» d'um exército, para empregarmos o termo de que se serve o articulista, não é só por linhas férreas que se opera; tem d'operar-se egualmente pelas estradas ordinárias. Quanto áquellas eis o que n'outro artigo lêmos, textual: «Digamos apenas que com linhas (férreas) de via dupla, e com material todo prestes em quantidade consideravel, não se pode conseguir o embarque d'um corpo d'exército, a duas divisões d'infanteria e uma de cavalaria, em menos de cinco dias plenos, ou antes, de cinco vezes vinte e quatro horas»... «Quando as linhas são de via simples, pode quasi duplicar-se aquelles números por motivo da necessidade do regresso do material. Emfim, é claro que se não pode evitar todas as causas de retardamento accidental nos trajectos um pouco longos». Apesar d'escriptas só a propósito da mobilisação do exército russo.

n'essa época, não terão estas palavras applicação ao que decorre, ou pode vir a decorrer na região a que se allude? Nem todas as linhas férreas que a atravessam são, crêmos nós, de via dupla; nem os corpos d'exército dos Alliados serão constituídos só pelas tres divisões de que falla o articulista, e d'elles se elimina, para o cálculo do tempo de transporte, as unidades d'artilheria, etc., que entram no effectivo total de cada corpo. O tracto a percorrer não era longo, e seriam pois diminuídas as probabilidades d'atrazo, — é o que se poderá observar. Mas a esta observação justa ha a contrapôr que o embarque d'um corpo d'exército em retirada, com o inimigo aos calcanhares por assim dizer, não é possível fazer-se com a celeridade e a ordem d'uma simples mobilisação, nas condições em que a examina o auctor do artigo. Os motivos d'atrazo hão de apparecer com mais effi-cácia e mais frequência; e a possibilidade d'um corte pelos Allemães entre Abbeville e Tergnier, ou entre Arras e o littoral, deve sempre, prudentemente, presumir-se. A retirada consecutiva ao re-vez de Mons-Charleroi, aliás honrosa para o exército alliado pela segurança e a ordem com que foi conduzida n'um percurso de 200 km. mais ou menos, não pensamos que seja argumento à favor da que estamos figurando; porque, se o inimigo é o mesmo, e as mesmas seriam, por certo, as suas impetuosidade e perícia em ata-



car, como, sem dúvida, se mostrariam de novo as notaveis aptidões de resistência de Inglezes e Francezes, a disposição no terreno das forças atacantes era muitíssimo diversa, e desfavoravel em alto grau, crêmos nós, á repetição d'aquelle feito militar. Poder-se-ha ainda objectar que a investida allemã contra Dunkerque vai frustrar-se, como se frustrou contra Paris. É possível. Mas um plano estratégico, seja qual fôr, não crêmos que assentasse alguma vez na previsão exclusiva d'um triumpho, com rejeição prévia e systemática, porconsequinte, d'um ou d'outro revez accidental, e mesmo d'um inéxito final irreparavel. O objectivo do Estado maior francez, ao concentrar, na Bélgica, sobre o Sambre e o Mosa as suas forças mobilisadas, foi certamente repellar da fronteira da França os invasores. Conseguiu-o? Não. E foi exactamente, segundo cuidamos, por ter previsto o contratempo, que pôde superiormente dirigir o magnífico movimento de retirada até ao Marne. O do Estado maior allemão foi, com não menos certeza, o cêrco e a tomada de Paris. Realisou-o? Também não. E foi precisamente por ter antes feito entrar o revez nos seus cálculos que logrou effectuar a sua igualmente bella retirada até ao Aisne, e aqui sustar de vez a offensiva dos Alliados. Achamos, pois, inverosimil que a possibilidade d'um revez análogo ao de Mons-Char-

leroi não tenha sido prevista, e cuidadosamente ponderada pelos generaes anglo-francezes do exército do Norte. E se previram, não comprehendemos bem, em face das mais que sóbrias noticias que véem chegando, de que modo entenderam dispôr os meios para outra vez recuarem sem o risco d'uma derrota funesta, ou pelo menos d'um grande sacrificio de soldados. Os especialistas, porém, que discutam este ponto; não temos competência nem dados seguros para o fazer. O telégrapho, até agora quasi mudo, não tardará muito que volte á loquacidade habitual, e então sabereimos o que realmente vem passando pelo Norte desde o princípio d'este mez.

Para tornar conhecido pelas pessoas que nos lêem o theatro onde se julga vir travada a lucta que decidirá do éxito ou inéxito definitivo da invasão allemã em França, só nos resta dar uma indicação geral dos rios e canaes que o atravessam em diversas direcções. As linhas férreas deixal-as-hemos de lado, por lhes ser facil conhecel-as consultando qualquer carta; como não vale a pena completar, sob esses pontos de vista, a descripção de todo o resto da fronteira desde Lille até Belfort, em consequência da situação estacionária dos dous exércitos na Alsácia e na Lorena, e nada levar a presumir que seja modificada em prazo breve.

Os rios são: o Aa, oriundo do planalto (ou collinas, como outras cartas o designam) d'Artois, corre na direcção geral S. N. com uma curva para leste na região de Saint-Omer, e entra no mar do Norte em Gravelines, a meia distância — dissemos já — entre Dunkerque e Calais. O seu percurso total não excederá talvez uns 100 km.

O Iser, d'egual percurso mais ou menos, nasce próximo de Saint-Omer, toma a direcção geral L. N. E., inflectindo-se depois n'uma larga curva para o Norte, de concavidade para Oeste, e lança-se no mar em Nieuport, uns 16 km. a S. O. d'Ostende, e uns 25 de Dunkerque. Corre pois quasi parallelamente á costa antes da inflexão de que fallamos e quasi perpendicularmente depois d'ella, ou seja no seu terço inferior. A sua distância média ao mar, nos dous terços superiores, não se affastará muito de 25 km.

O Lys, apesar de simples affluente do Escalda (em Gand, cidade belga), é de percurso mais extenso. As suas nascentes não ficam muito longe das do Aa, mas segue na direcção geral L. N. E., conforme foi notado para o Iser. Passa por Aire, Armentières e Courtrai (na Bélgica) e constitue a fronteira franco-belga, ao norte de Lille, n'uma extensão de 25 km. e no rumo geral que se apontou. A sua distância média ao precedente regulará por 30 km., um pouco maior portanto da que separa o Iser do mar do Norte.

O Deule, com o mesmo percurso do Aa, que nasce próximo do seguinte, corre na direcção geral N., passa por Lille, e desagua no Lys.

O Scarpe, finalmente, com o percurso total d'uns 60 km., e a cêrca de 40 ao sul do Lys, tem a mesma direcção geral dos precedentes; nasce, como elles, da vertente nordeste das *Collinas d'Artois*; passa em Arras e Donai, que fica a uns 28 km. ao sul de Lille, para affluir perpendicularmente ao Escalda, 12 km. mais ou menos a N. O. de Condé, entre os fortes de Maulde e Flines, que protegem esta zona da fronteira, occupada pelos Allemães, segindo parece, desde o principio da invasão.

Dos canaes que importam á intelligência das operações militares na zona do território franco-belga de que nos vimos occupando, mencionaremos os seguintes:

O que tem começo no baixo Aa (a pouco mais de 20 km. do mar) entre Saint-Omer e Gravelines, passa pelo forte de Bergues e por Furnes (na Bélgica), encontra o baixo Iser a uns 6 ou 7 km. da costa, e termina no que vai d'Ostende a Bruges, de percurso para leste. Corre na direcção geral de nordeste, n'uma dupla curva, cuja extremidade a sudeste d'Ostende estará a uns 10 km. do mar, e a uns 15 em média na secção em curva comprehendida entre Furnes e Bergues.

O segundo é o que de Furnes, do preceden-

te portanto, se dirige ao rio Lys próximo do relêvo que a fronteira da França accusa n'este ponto. Atravessa pois o Iser, passa por Ipres (occupada ha pouco pelos Francezes); corre para sudeste n'uma linha que se vai gradualmente affastando da fronteira, da qual dista uns 30 km. em média; e desembocca a oeste de Courtrai, que os últimos telegrammas téem mencionado. É um canal do território belga exclusivo.

O terceiro, todo em território francez, é o que decorre na direcção geral do precedente, parallelo pois á fronteira (abstrahindo das irregularidades que apresenta), e a uma distancia d'ella que varia entre 30 km. a N. O. e uns 50 km. a S. E. Liga o Aa (em Saint-Omer) ao Lys (em Aire), e este rio ao Scarpe (em Douai), para terminar no Escalda um pouco ao sul de Bouchain. Ha outros, mas de menos importância.

Não consta da nossa geographia os nomes dos canaes de que vimos dando esta noticia abreviada. Lendo-se, porém, com attenção os das localidades a que os telegrammas se téem referido e vierem a referir-se, e consultando-se uma carta, não será muito difficil ás pessoas que nos lerem baptisar cada um d'elles. Sentimos não dispôr d'uma carta bastante desenvolvida para lhes particularisarmos melhor a zona do território franco-belga que actualmente

se disputam os contendores, e que se pode considerar, toda ou quasi toda, comprehendida entre os lados d'um triangulo com os vértices em Dunkerque, Ostende e Lille. O que parece concluir-se das últimas noticias é que os Alemães, cujo objectivo immediato se julga ser a tomada de Dunkerque, estão dispostos n'uma linha geral de batalha que principia ao norte em Nieuport, segue o Iser e o canal (talvez) que, de Furnes, o atravessa e se prolonga até ao Lys, para terminar ao sul em Lille, embora ainda se ignore se Ipres (sobre o referido canal) continua em poder dos Alliados.

Entre o Lys e o mar estão, pois, uns 25 a 30 km. longe da fronteira; e cada passo que derem n'essa direcção ficar-lhes-ha, como dizia a nota britânica de 6 de setembro, muitissimo caro. Mas é provavel que hão de acabar pel'a attingir; e como no seu extremo norte só dista uns 15 km. da linha fortificada Bergues-Dunkerque, esta cidade, e provavelmente o resto da costa até Calais, virão a ser conquistadas por elles.

São os precedentes que auctorisam a inducção. Esta «ala esquerda» da fronte defensiva do Norte, como a appellida o nosso auctor, não é de crêr que valha mais pelas resistências, e ainda menos pelas «propriedades offensivas», do que Liège, Lille ou Antuérpia; e todas estas, e outras praças de guerra, com os seus



fortes, foram reduzidas por elles, e Lille parece até que com rapidez inesperada. Lançou-se estas proezas militares á conta da superioridade numérica do inimigo. Ha no argumento uma grande parcella de verdade; mas não ha a verdade toda. Tem-se recentemente affirmado, sem, de resto, sabermos em que dados authênticos se bazeia essa affirmação insistente, que os Alliados empregam n'este theatro restricto da lucta forças numericamente superiores ás allemãs. Admittamos o asserto. Como é então que as suas vantagens, quando se leia com imparcialidade os telegrammas, se annunciam ora insignificantes, ora nullas, se não são mesmo negativas? Com o número se argumentou para s'explicar a queda rápida da forte praça de Lille com o seu largo cinto de reductos; porque a não recuperou com egual facilidade o exército, agora numericamente superior, que está operando em frente d'ella? É que, segundo se nos affigura, a questão aqui é outra. O número dos combatentes claro que peza consideravelmente no remate do episódio militar occorrente n'esse troço da fronteira. Menos talvez, porém, do que se poderia imaginar, visto se terem frustrado até agora os contr'ataques a Lille. O que peza, sobretudo, é a superioridade do armamento. A competência do commando, o valor e a experiênciã dos soldados devem considerar-se, sem erro grave, equivalentes; o

número d'estes, se prevalece nos Alliados como se affirma, não representará decerto um tal excedente que determine um desequilibrio perigoso entre os exércitos que se batem; por conseguinte, o éxito final, se couber ao invasor, sem dúvida que só poderá attribuir-se ao motivo que invocamos, — sobretudo havendo, na realidade, a desproporção d'effectivos allegada para se prevêr a victória dos Francezes. Estes effectivos superiores, se não forem mais um embaraço do que um auxilio n'uma faxa relativamente estreita de combate, pouco mais conseguirão do que apresentar um alvo mais cómodo á poderosa artilheria dos contrários, por não ser nada verosimil que estes a deixassem ficar toda em Antuérpia.

Ha ainda a esquadra ingleza — accrescentam os telegrammas — apoiando a esquerda dos Alliados, que s'estende até á costa.

Pouco mal — julgamos — pode fazer ao inimigo. A costa é baixa, não permittindo aproximação dos navios; e a artilheria grossa dos vasos de guerra britânnicos, comquanto excellente, não tem o alcance nem os effectos destructivos das peças que serviram aos Allemães em Antuérpia. Os seus projecteis não alcançam todo o canal que dissemos ligar o curso inferior do Aa ao do Iser; pode, pois, seguir-se impunemente ao longo d'elle até Bergues, quer dizer, até á linha fortificada que vai

d'este forte até Dunkerque. E como os Allemães estão provavelmente usando, n'este recente campo de batalha, da sua artilheria grossa já empregada n'outros pontos, e da artilheria de costa de 14 km. d'alcance, o mal que lhes poderiam fazer effectivos superiores e quaesquer forças navaes dos Alliados pode muito bem ser retribuído, senão de todo suplantado. A verdade é que nada é possível prevêr n'esse esforço heroico e supremo que os dous Partidos vêem fazendo: o allemão para se approximar successivamente de Dunkerque, o alliado para o conter a distância da fronteira. Temos que ruminar a nossa impaciência, até que o formidável pleito se decida. Mas, e no caso de valer mais para o seu desfecho a superioridade do armamento do que o total dos effectivos, se alguma previsão tem as probabilidades mais valiosas do seu lado é, com desgosto dos amigos da *Triple-entente*, a que dá os Allemães como senhores de Dunkerque dentro de mais ou menos dias.

Referimo-nos aos partidários intelligentes dos Alliados, aos poucos que, no meio da alluvião de sectários inconscientes, são capazes de reflectir com tal qual serenidade. Quanto a estes, e ás suas declamações e invectivas, nem sequer lhes consagraremos um minuto d'attenção. Sempre que tivemos de lhes aturar as divagações e os desconchavos, nos acudia á memória aquel-

le dito do cortezão hespanhol, na nossa Selecta de francez, a propósito do qualificativo *grande* de que usava o seu real senhor Fillipe iv: «O nosso Amo é como os buracos, — tanto maior quanto mais terreno perde».

Não vai muito bem á causa que tem defensores d'este calibre. Quando estivesse melhor do que a nós se nos affigura, e crêmos que a todos os homens a quem o sympáthico esforço francez tem sinceramente commovido, essa legião infindavel de imbecis, que não arriscaria um dêdo para a salvar, seria comtudo capaz, pelo seu facciosismo intolerante, de a comprometter e de a perder. Porque todo o valor d'uma causa está, sobretudo, no valor dos que a defendem. O mais bello plano e a mais bella opinião serão nada, provocarão mesmo a repulsa, se para lhes fazerem a apologia e a propaganda apparecerem sómente as turbas innumeraveis dos mediocres, no espirito e no character.

---

---

## EMENDAS

Pag. 17, ln. 22 — que teria

Pag. 18, ln. 2 — Essa passagem,

Pag. 25, ln. 10 — 300.

Pag. 44, ln. 30 — será ela respeltada

Pag. 90, ln. 8 — ou movimento

O leitor corrigirá os erros de calxa.

## NOTAS AO TEXTO

---

(1) P. Foncin, «Géographie générale», Cap. IV.

(2) Isto escrevia-se cêrca de duas semanas antes que uma nota da legação germânica em Lisboa, de 29 de setembro, affirmasse ter a frente Toul-Verdun sido forçada, a 25 d'esse mez, no forte *Camp des Romains*, e Verdun estar sendo bombardeada a sudoeste.

(3) Ou então seria, além de gratuita, incorrecta a accusação que se lhes faz agora (outubro) de terem propositalmente fornecido aos Belgas, na construcção e artilhamento das suas praças de guerra e dos fortes, Antuérpia incluída, cimento e peças de qualidade inferior.

(4) Só depois d'escriptas estas palavras é que veio a noticia da retomada de Péronne pelos Francezes.

(5) Foi occupada só, parece, depois da conquista d'Antuérpia. Estaria até ali bloqueada?

(6) Quasi inutil recordar que a redução d'Antuérpia justifica perfeitamente o que no texto se afirma.

(7) É para notar a singular escassez de noticias sobre a força e os movimentos do exêrcito belga posteriormente á tomada de Liège.

(8) Continam a ser raras, como as austro-húngaras, pelo menos entre nós: foi só em fins de setembro que vimos a primeira nos jornaes.

(9) Era um dos officiaes mais distinctos de Wellington, e parente do famoso Almirante que derrotou a esquadra miguel-

lista no cabo de S. Vicente. A obra, pelo seu alto valor militar e político, devia ser familiar a todos os nossos officiaes e homens públicos.

(10) Por ex.: como se justificou o alargamento da circulação fiduciária? 93:000 contos — rezavam os últimos balancetes do Banco; um excesso, pois, de 21:000 contos sobre o antigo limite de 72:000, que, allás, o decreto (de 17 d'outubro) do Governo provisório já infringira.

Em que alturas vai a dívida fluctuante? Qual o deficit na cobrança de várias receltas do Estado, desde o principio d'agosto? Qual o augmento nas despezas, e por quaes dos ministerios, a contar da mesma data? O que terão dado práticamente os armazens geraes, o porto-franco, a Junta reguladora dos cambios? O que ha d'emigração? E a questão das subsistências — que aspecto revestirá se a guerra se prolonga? A estas e outras perguntas não vemos que haja respostas nas jornaes dos agrupamentos partidários. Será o Congresso, na sua annunciada reunião, mais loquaz? Esperamos que assim seja.

(11) A Intentona monarchica recente, e o assalto consecutivo ás redacções, constituem o melhor dos argumentos em favor do que se diz no texto. Paraphrascando a invectiva do official russo: «Desgraçado paiz, onde se não sabe nem conspirar, nem prevenir, nem reprimir!»

(12) As já citadas, do fim de setembro. Posteriormente, vimos outras.

(13) Davam-n'as boletins recentes. Não vimos as que deviam dar as perdas totaes dos Alliados.

(14) Pouco mais de 40:000. Relativamente diminuto.

(15) 2.500:000. O mesmo effectivo em pé de guerra para a Rússia e a Allemanha, 1.700:000 para a Austria, — o que parece pouco crível.

(16) Claro que estamos suppondo verídica essa história das plataformas, repetida ha pouco para Dunkerque.

(17) Por ex.: a que se refere ao primelro dia de descanso que tiveram as forças británneas desde a retirada de Mons. Segundo a nota da legação em Lisboa (de 6, setembro), foi o dia 2 d'esse mez; segundo um dos relatórios do general French, de que os nossos traduziram ha pouco uns extractos, foi o dia 18.

116  
14018







